

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS DE SOROCABA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

BRUNA EIRAS CERVELIN

**ANÁLISE PEDAGÓGICA CRÍTICA DO TRABALHO DA
TERAPIA OCUPACIONAL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

SOROCABA
2020

BRUNA EIRAS CERVELIN

ANÁLISE PEDAGÓGICA CRÍTICA DO TRABALHO DA TERAPIA OCUPACIONAL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos, *Campus* de Sorocaba, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando Gouvêa da Silva.

SOROCABA
2020

Cervelin, Bruna Eiras

Análise pedagógica crítica do trabalho da terapia ocupacional na educação inclusiva / Bruna Eiras Cervelin -- 2020.

74f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Antônio Fernando Gouvêa da Silva

Banca Examinadora: Juliana Rezende Torres, Gabriel

Ribeiro Demartini

Bibliografia

1. Terapia ocupacional do sul. 2. Paulo Freire. 3. Educação inclusiva. I. Cervelin, Bruna Eiras. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

AGRADECIMENTOS

A Deus e a toda espiritualidade, que me concede tantas oportunidades e por iluminar o meu caminho.

A minha mãe e meu pai, pelo amor incondicional e toda a dedicação.

Ao meu irmão, pela cumplicidade, apoio e amizade, durante toda nossa vida e também durante essa trajetória.

A toda minha família e amigos, por acreditarem em meu potencial.

A todos os meus colegas da Pedagogia 016, pela trajetória que compartilhamos.

Ao meu grupo de trabalhos durante a graduação – Camila, Heitor, Jeff e Júlia – pelo companheirismo e por todos os momentos que passamos juntos.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Gouvêa, por ter me apresentado Paulo Freire, por me ensinar a importância de realizar “micro” revoluções diariamente. Por ter dedicado tempo à realização e supervisão deste trabalho. Por me auxiliar durante todo esse percurso e por todo apoio concedido.

Aos integrantes da banca examinadora, Prof. Dra. Juliana Rezende Torres e Ms. Gabriel Ribeiro Demartini, por aceitarem o convite e disponibilizarem seu tempo e seus conhecimentos na leitura e colaboração deste trabalho.

A todos os professores que tive durante o curso de graduação, pela dedicação e os conhecimentos compartilhados.

A todas as crianças e adolescentes, bem como às suas famílias, que confiam no meu trabalho e me motivam a ser uma profissional melhor todos os dias e a lutar por um mundo justo.

Com muito amor, a todos, o meu sincero obrigada!

BRUNA EIRAS CERVELIN

Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. (...) Há perguntas a serem feitas por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar.

(...) Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?

(FREIRE,1996)

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender em que medida a pedagogia freireana pode contribuir com a práxis da terapia ocupacional para a superação de limites e dificuldades vivenciadas na prática educativa de uma inclusão crítica na sociedade dos alunos público alvo da educação especial. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa através de análise documental e análise crítica do discurso. Destaca-se o referencial teórico de Paulo Freire e de terapeutas ocupacionais latino-americanos como Galheigo. Foram selecionados dois documentos, sendo uma declaração de posicionamento da WFOT denominada “Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens” e o “Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação”, e analisado a relação destes com o conceito freireano de práxis autêntica. O documento da WFOT, apesar de abranger conceitos na perspectiva biopsicossocial e fomentar a prática baseada na ocupação, tende a ser hegemônica, onde cabe ao terapeuta ocupacional contribuir para que o estudante consiga realizar e participar das atividades da rotina escolar. O manifesto, por outro lado, apesar não mencionar questões relativas à educação diretamente, propõe um chamado aos terapeutas ocupacionais para repensarem suas práticas numa perspectiva crítica, onde a inclusão não significa adequar os indivíduos para que estes se encaixem em ocupações determinadas para a manutenção do *status quo* e que acabam por contribuir com a exclusão mesmo que de forma não intencional. Concluímos que a pedagogia freireana contribui significativamente com a terapia ocupacional, auxiliando para uma reflexão crítica da atuação profissional. A terapia ocupacional do sul nasceu no campo da terapia ocupacional social e nela encontra-se mais afluída. Já o campo da educação, ainda carece de publicações sobre a temática.

Palavras-chaves: terapia ocupacional do sul, Paulo Freire, educação inclusiva.

ABSTRACT

The present work sought to understand the extent to which Freire's pedagogy can contribute to the praxis of occupational therapy to overcome limits and difficulties experienced in the educational practice of a critical inclusion in the society of students target audience of special education. For this, a qualitative research was carried out through document analysis and critical discourse analysis. The theoretical framework of Paulo Freire and Latin American occupational therapists such as Galheigo stands out. Two documents were selected, a WFOT positioning statement called "Occupational Therapy Services in School Practice for Children and Youth" and the "Latin American Manifesto of Occupational Therapy and Occupation", and their relationship with the Freireano concept of authentic praxis. The WFOT document, in spite of covering concepts from the biopsychosocial perspective and promoting practice based on occupation tends to be hegemonic, where it is up to the occupational therapist to contribute so that the student can perform and participate in the activities of the school routine. The manifesto, on the other hand, despite not mentioning issues related to education directly, proposes a call to occupational therapists to rethink their practices in a critical perspective, where inclusion does not mean adapting individuals so that they fit into specific occupations for the maintenance of the status quo and that end up contributing to exclusion even if unintentionally. We conclude that Freire's pedagogy contributes significantly to occupational therapy, helping for a critical reflection of professional performance. Southern occupational therapy was born in the field of social occupational therapy and it is more in touch with it. The field of education, however, still lacks publications on the subject.

Keywords: southern occupational therapy, Paulo Freire, inclusive education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1 – Relação dos conceitos centrais seleccionados em cada um dos documentos	50
Quadro 2 – Quadro a partir da síntese realizada pela autora sobre a estruturação e características gerais dos documentos	49
Quadro 3 – Síntese das análises realizadas	62

TABELA

Tabela 1 - Resultado das buscas pelos termos "América Latina" e "latino-americano" em algumas das obras de Paulo Freire	33
---	----

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2006, ingressei no curso de graduação em terapia ocupacional na UNESP - *Campus* Marília. Essa experiência da graduação mobilizou a minha vida profundamente em muitos sentidos. A universidade pública e em especial o curso de Terapia Ocupacional, foi uma oportunidade de conhecer novas perspectivas de mundo.

O campus da UNESP em Marília sempre se destacou por trabalhos na área da educação especial e inclusiva o que me proporcionou muito contato com esta temática durante a graduação.

Após formada, trabalhei em alguns lugares diferentes. A primeira experiência como terapeuta ocupacional foi num grande centro de reabilitação no centro-oeste paulista. Concomitantemente, dava aulas de dança para jovens e adultos num centro cultural de uma pequena cidade vizinha. Após mudar para a região sul do estado, passei a atuar numa instituição para pessoas com deficiência e em consultório particular. Em 2014, assumi o cargo de *Terapeuta Ocupacional de Educação Especial* lotado na Secretaria de Educação de um pequeno município da região metropolitana de Sorocaba.

Atualmente, na rede pública, dentre minhas principais atribuições está o atendimento aos alunos com deficiências (física, sensorial, intelectual e múltipla), transtornos globais de desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, que se encontram matriculados na rede municipal de educação. Esses alunos são denominados pelo Ministério da Educação do Brasil como “público-alvo da educação especial”.

A modalidade da educação especial na perspectiva inclusiva perpassa todos os níveis de ensino, assim compreendendo desde a creche até o último ano do ensino fundamental, e também a Educação de Jovens e Adultos correspondente a essas modalidades. O Ensino Médio, no caso deste município, é responsabilidade estadual.

Procurei manter minha formação continuada e entre as atividades desenvolvidas realizei vários cursos e também algumas especializações vinculadas ao campo da educação.

Não consigo identificar quando comecei a me interessar pelas questões educacionais. Talvez tenha sido na época da faculdade, mas talvez antes, já que

venho de uma família com vários profissionais da educação e sempre tive uma relação intensa com a escola.

O fato é que buscando resgatar minha trajetória numa oportunidade de compreender os caminhos percorridos até aqui, observo que mesmo quando estava atuando em outras áreas, dentro ou fora da terapia ocupacional, nunca me afastei das questões relacionadas à educação. Ao contrário, durante todo esse percurso fui me aproximando cada vez mais da área.

Assim, dez anos depois de ingressar no curso de terapia ocupacional, no ano de 2016, eu retornava à universidade pública. Dessa vez, no curso de graduação em pedagogia da UFSCar - *Campus* Sorocaba. A decisão de realizar uma segunda graduação se deu por vários motivos, dentre os quais eu destaco a percepção de que o sistema educacional tradicional é altamente competitivo e discriminador o que dificulta a real inclusão dos alunos público alvo da educação especial.

Outro motivo que justifica meu retorno à universidade é o reconhecimento da importância que a universidade pública tem na minha formação e a compreensão do quanto ela poderia contribuir ainda mais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A princípio, queria me aprofundar nas questões da educação, no funcionamento da escola e na elaboração de currículo. Sempre tendo como prioridade a educação inclusiva. Porém, para além dessas temáticas, a graduação em pedagogia tem me proporcionado reflexões mais profundas sobre o universo da educação.

Foi numa disciplina sobre currículo, ministrada pelo professor Gouvêa, que tive o primeiro contato com a obra freireana. O nome de Paulo Freire já era familiar, mas não sabia muito mais do que o fato dele ser um dos educadores de maior referência no Brasil e nunca havia lido sua obra.

Meu interesse sobre o autor foi crescendo à medida que fui compreendendo a sua luta por uma Educação para Todos, a importância do processo de humanização, além de outros conceitos como ética, diálogo, práxis, autonomia, entre outros. Outro aspecto que me chamou atenção logo de início, foi a valorização do saber que cada educando traz consigo, pois através dessa concepção humanizadora é que a escola se faz inclusiva.

O processo de inclusão dos alunos público alvo da educação especial enfrenta desafios diários. Isso porque além dos desafios educacionais cotidianos,

estes alunos demandam de toda a comunidade os recursos que lhe são de direitos, mas que são constantemente negados, como por exemplo: a acessibilidade para locomover-se nas ruas, as tecnologias assistivas, o diagnóstico preciso, o acesso aos tratamentos adequados, às orientações e o suporte adequado para as famílias, acesso a serviços, adequação curricular na escola, entre muitos outros.

Mesmo diante do avanço científico e tecnológico das últimas décadas, que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida e participação social, o processo de inclusão da pessoa com deficiência ainda carece de muita luta.

Observamos na literatura que a exclusão social é um fenômeno antigo e frequente em diversas culturas. Dentre os diversos aspectos que tangem o complexo tema da exclusão/inclusão, aqui destacamos a sua relação com a sociedade atual, capitalista e neoliberal.

O sistema capitalista valoriza o poder de compra, fomenta a competitividade entre os indivíduos, cobra a produtividade e disponibilidade constante da mão de obra. No capitalismo as pessoas devem se adequar para ser útil a esse sistema.

A sociedade está organizada em torno do trabalho. A partir dele estabelecemos vínculos sociais e a nossa condição na sociedade. É por meio da transformação da natureza que se constitui a base material da sociedade (LESSA; TONET, 2011).

Por consequência, quem não trabalha é excluído. Pessoas com deficiência foram por muito tempo consideradas inaptas para o trabalho. Ainda hoje, mesmo com leis de cotas para as empresas, têm grande dificuldade de conseguir uma colocação no mercado de trabalho. São constantemente subestimadas. Além disso, ao mercado interessa a grande produtividade, qualquer fator biopsicossocial que possa arriscar isso não é aceito.

O sistema capitalista excita a ilusão de que através do trabalho, o sujeito tem a oportunidade de mudar de classe social. De fato, conforme a função/profissão pode existir uma grande variação de poder econômico ao que diz respeito ao poder de compra, mas isso difere muito de migrar de proletário a burguês.

As relações resultantes entre o sujeito e o trabalho se refletem em todos os aspectos da sociedade. A criança ainda pequena começa a ser preparada para o trabalho. É comum criar expectativas sobre o futuro profissional da criança antes mesmo de sua concepção. Ao nascer a criança é julgada de acordo com suas

condições biopsicossociais e assim a sociedade já começa a determinar seus papéis.

A escola tradicional não difere das demais estruturas sociais refletindo estas relações. Ela se caracteriza como uma instituição hegemônica, ou seja, que contribui para a predominância da ideologia burguesa sobre o proletariado. Basta analisarmos a história da educação e o nascimento da escola para compreendermos que se antes ela estava destinada à nobreza, principalmente após a revolução industrial a escola se desenvolve a partir da necessidade de capacitação de mão-de-obra qualificada.

Afirmações como “para ser alguém na vida precisa ter estudo” ou ainda “precisa estudar se quiser arrumar um bom emprego”, costumam ser familiares e corriqueiras a muitas pessoas. Isso demonstra que esse referencial de estudo baseado no trabalho ainda se mantém conservado.

Outro fator comum é a valorização de cursos relacionados à ciência e a tecnologia e a desvalorização das ciências humanas.

Retomando as relações impostas da criança com o trabalho e da escola com o trabalho podemos compreender os primeiros fatores de exclusão. Na medida que o sujeito ainda criança é considerado inapto para o mercado de trabalho, este mesmo sujeito é considerado inapto para a escola tradicional.

Aqui o termo “escola tradicional” refere-se a essa estrutura educacional que está posta na atualidade, hegemônica e conservadora, pois a escola pode vir a ser espaço de transformação social, de emancipação dos indivíduos e de liberdade.

Baseado nas relações de produtividade, de poder econômico e de classe social, a sociedade se configurou excluindo todos aqueles que por algum motivo não se encaixam no padrão idealizado.

A diferença é inerente aos seres humanos, porém existe uma baixa tolerância dessas diferenças pela sociedade. Nossa sociedade estipula um padrão ideal ao qual todos devem responder e estigmatiza e exclui aqueles que não correspondem.

Vale destacar que o indivíduo ideal da sociedade capitalista é homem, branco, cis gênero, heterossexual e europeu. O status social também varia conforme maior ou menor proximidade com essa idealização.

Sob essa ótica os corpos das pessoas com deficiência são considerados doentes e improdutivos em oposição ao ideal de corpo saudável e produtivo do neoliberalismo. E ao colocar essas pessoas numa situação de inferioridade, tecem

as relações de poder sobre elas e geram uma estratificação social limitante (MARQUES, 2006).

Esses, que não se encaixam nesse padrão imposto, muitas vezes denominados como minorias, como por exemplo, mulheres, negros, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, entre outros, apresentam um longo e constante histórico de lutas por conquista de direitos sociais, fim da desigualdade, da invisibilidade e da violência.

No caso da educação inclusiva¹ essa luta se destaca com o surgimento das instituições especializadas e as chamadas “escolas especiais”. Essas escolas se desenvolvem em caráter de substituição ao ensino escolar tradicional, no qual grande parte dos estudantes que não encaixavam nos modelos de “normalidade” impostos não podiam ter acesso.

Lentamente e a depender de muita luta, o Brasil tem avançado no movimento da inclusão. Ainda assim, este processo precisa avançar muito, pois não basta somente garantir a presença do estudante na escola, mas é preciso proporcionar todo o apoio necessário para que ele tenha efetiva participação nas atividades que envolvem o contexto escolar e garantir o direito à aprendizagem.

É fundamental que os profissionais que trabalham com os alunos com deficiência mantenham-se em contínua formação, a fim de aprimorar seus conhecimentos e proporcionar o melhor trabalho com esses alunos. Faz-se necessário conhecer e compreender a legislação específica, bem como as possibilidades da interface entre educação e saúde.

De acordo com a análise de Bueno (1999), o oferecimento de apoio e assistência especializada aos professores dos alunos com necessidades educativas especiais é primordial para a inclusão dessas crianças no ensino regular.

Rocha et al. (2003) apontam que além da formação dos professores, da disponibilidade de equipamentos, materiais pedagógicos e espaços físicos adequados que são necessários, muitos alunos não possuem acesso a serviços de saúde e reabilitação. Serviços estes, que auxiliam seu desenvolvimento e por consequência o seu processo de aprendizagem formal.

¹ Compreendemos através da literatura e da vivência profissional que a Educação Inclusiva não tem ocorrido de maneira crítica. Na prática, observamos que os movimentos feitos geralmente são em prol de adequar o aluno ao sistema escolar e não de questionar e solucionar o sistema excludente.

Cada aluno apresenta características únicas, sendo assim, não existe um método ou estratégia padrão. Portanto, o processo de intervenção educacional deve considerar as características de cada aluno, suas habilidades e potenciais a serem trabalhados.

A Terapia Ocupacional é capaz de contribuir no contexto da inclusão escolar através de seus pressupostos e métodos de intervenção, proporcionando maior independência do indivíduo dentro da sua esfera social (BITTENCOURT; SILVEIRA; SABIA, 2011).

A atuação dos terapeutas ocupacionais na educação é regulamentada pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO através da resolução nº 445, de 26 de abril de 2014, que fixa e estabelece os Parâmetros Assistenciais Terapêuticos Ocupacionais nas diversas modalidades prestadas pelo Terapeuta Ocupacional e entre elas, no anexo X, encontramos os parâmetros em serviços, programas e projetos educativos formais e não formais, e no anexo XII os parâmetros de assistência em educação.

A descrição geral dos parâmetros de assistência do anexo X, por exemplo, consiste em:

Procedimento que envolve o atendimento terapêutico ocupacional nas ações e programas educacionais que visam ao desenvolvimento de potencialidades e elaboração de programas, projetos e ações junto ao ensino regular, a superação das desigualdades educacionais e a inclusão escolar, a formação para o trabalho, a promoção da sustentabilidade socioambiental, as especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade, a promoção da participação e a cidadania de crianças, jovens, adultos e idosos considerando também as necessidades específicas das populações do campo e das comunidades tradicionais, garantindo-se a equidade educacional (COFFITO, 2014).

Diante das constatações de complexidade do sistema social e educacional, bem como a necessidade de superar um modelo médico-curativo, onde os sujeitos precisam adequar a modelos estipulados de ocupação, buscamos compreender as possibilidades de contribuição da terapia ocupacional numa perspectiva crítica para o desenvolvimento de uma educação para todos.

A elaboração deste trabalho se deu a partir da seguinte problematização: em que medida a pedagogia freireana pode contribuir para uma análise crítica dos documentos relativos à terapia ocupacional para a superação de limites e

dificuldades vivenciadas na prática educativa de uma inclusão crítica na sociedade dos alunos considerados público alvo da educação especial?

Esse questionamento orientou a estruturação desta monografia, tendo como objetivo geral identificar a presença do pensamento freireano de práxis autêntica em dois documentos específicos da terapia ocupacional, sendo eles a Declaração de Posicionamento denominada “Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens”, da World Federation of Occupational Therapists (2018), e também o “Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação”, desenvolvido por Pulgar e Tobar (2014).

Os objetivos específicos consistem em:

- Resgatar brevemente o histórico da terapia ocupacional e compreender a perspectiva da terapia ocupacional do sul;
- Expor uma pequena biografia do educador Paulo Freire destacando sua relação com a América Latina;
- Estabelecer um possível diálogo entre a terapia ocupacional e a pedagogia freireana na concepção de uma inclusão escolar crítica;
- Identificar se os documentos selecionados se baseiam numa perspectiva crítica;
- Identificar se os documentos selecionados se relacionam com o conceito freireano de práxis autêntica.

Esse trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa realizada através de análise documental e técnicas do método de análise crítica do discurso.

Iniciamos o próximo capítulo com um breve resgate histórico do desenvolvimento da terapia ocupacional no Brasil e no mundo. Também explanamos sobre a demanda de uma maior politização da categoria e a busca para decolonizar que provocou o surgimento da Terapia Ocupacional do Sul. Nessa perspectiva destacam-se as terapeutas ocupacionais do campo social, como por exemplo, Sandra Maria Galheigo.

Na sequência é apresentado uma pequena biografia de Paulo Freire a fim de promover uma aproximação ao educador e compreender sua importante relação e influência na América Latina. Prosseguimos buscando relacionar e dialogar a pedagogia freireana com a terapia ocupacional para a concepção de uma educação inclusiva e destacando o conceito freireano de práxis autêntica.

No capítulo subsequente apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho. No seguinte, os resultados da análise documental são explanados. Após, encerramos este trabalho com a exposição de algumas considerações finais.

2 BREVE HISTÓRICO DA TERAPIA OCUPACIONAL

A terapia ocupacional pode ser definida como:

um campo de conhecimento e de intervenção em saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para a emancipação e autonomia das pessoas que, por razões ligadas a problemática específica, físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e/ou sociais, apresentam, temporariamente ou definitivamente, dificuldade na inserção e participação na vida social. As intervenções em Terapia Ocupacional dimensionam-se pelo uso da atividade, elemento centralizador e orientador, na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico (WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TERAPIA OCUPACIONAL; CENTRO DE ESTUDOS DE TERAPIA OCUPACIONAL, 2003, s/n).

De Carlo e Bartalotti (2001) chamam atenção para o fato de que não existe uma evolução linear na história da Terapia Ocupacional, mas que as histórias são construídas dialeticamente, a partir das relações sociais no âmbito pessoal e profissional.

Porém, na literatura encontra-se o uso terapêutico das ocupações ainda na Antiguidade. Gregos e romanos acreditavam que "os trabalhos, exercícios, artes e artesanatos poderiam "curar" e favorecer o contato com os deuses (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 19).

Na Idade Média, os marginalizados sociais (indigentes, vagabundos, preguiçosos, incapazes, velhos, prostitutas, loucos, pessoas com deficiência, desobedientes das ordens familiares, militares ou religiosas) eram considerados como ameaças à sociedade, devendo ser afastados e confinados num espaço isolado do convívio social. Nesses asilos, eles "sofriam ações punitivas, dentro de um regime semipenitenciário e semicaritativo". Não havia preocupação com diagnósticos ou tratamentos, todos se enquadravam como insanos e estavam sujeitos às mesmas condutas de correção e repressão. A reorganização desses espaços para conversão em hospitais como instrumento terapêutico iniciou no final do século XVIII e a medicina hospitalar no século XIX. A partir daí, "com a medicalização e diferenciação dos aparelhos de tratamento, o "louco" e o "idiota" foram reconhecidos por suas características, mas essa identificação carecia de *status* científico". Os corpos, comportamentos e discursos continuaram a ser controlados (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 20-21).

Goubert (1999) relata que a noção de trabalho ou atividade entrou no mundo hospitalar como meio de coerção física e moral. O "tratamento moral" preconizado por Pinel (1801), na França, e replicado por seus discípulos, concebia que as doenças mentais eram decorrentes de alterações patológicas do cérebro, assim os hospitais-prisão permitiam tratar de forma firme e benevolente os denominados alienados por intermédio das primeiras terapias ocupacionais (apud DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 21-22).

O problema central para a Escola de Tratamento Moral é o ambiente físico e social, bem como a situação de vida do paciente, a desorganização do comportamento, hábitos errados e as reações ao estresse. Assim, tinha por objetivo corrigir hábitos considerados errados e a realizar a manutenção dos hábitos saudáveis de vida para uma normalização do comportamento desorganizado do doente. O doente era aquele que sucumbiu às pressões externas e cabia a sociedade a obrigação moral de auxiliá-lo a retomar a vida normal (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001).

(...) Uma das formas de sujeição dos doentes, dentro das estratégias do tratamento moral, foi a introdução do trabalho, com a utilização ordenada e controlada do tempo, como recurso terapêutico (uma ação mais próxima da laborterapia), pretensamente "ressocializante" por favorecer a aprendizagem da ordem e da disciplina, e como forma de rentabilização econômica do asilo. Foi concebida uma estratégia com o objetivo de alcançar o equilíbrio financeiro dos asilos, baseada tanto na admissão de internos pagantes como no trabalho gratuito dos internos, com formas de chantagem como a distribuição ou retenção de pequenos privilégios (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001, p. 23).

De Carlo e Bartalotti (2001, p.19) apontam que a terapia ocupacional caracterizou-se como profissão da área da saúde desde o seu princípio, "surgiu como recurso, instrumento e ato médico", sendo que as concepções de saúde, doença e terapêutica estão historicamente relacionadas à produção do saber.

No início do século XX, ocorre a expansão da profissão visando tratar dos soldados mutilados na Primeira Guerra Mundial. A necessidade de pessoas produtivas para recompor a força de trabalho e realizar a reconstrução social no pós-guerra abriu espaço para a readaptação e reabilitação (DRUMMOND, 2007 e CAVALCANTE; TAVARES; BEZERRA, 2008).

Cavalcante, Tavares e Bezerra (2008) chamam atenção para o fato de que assim como outras classes que se constituíram profissionais assalariados a terapia ocupacional também participa tanto dos mecanismos de dominação e exploração como da resposta às necessidades de sobrevivência da classe trabalhadora e nessa época acabava por desempenhar um papel político de grande importância para o Estado. Porém, com a crise econômica mundial de 1929 a 1932 os profissionais perdem os seus principais espaços de atuação devido à extinção de programas de reabilitação. Nessa circunstância, a terapia ocupacional se reaproximou da medicina buscando legitimar-se.

Os programas de reabilitação são retomados devido à Segunda Guerra Mundial abrindo novamente o mercado. Nesse período, cresce a atuação de profissionais principalmente na área da reabilitação física. (DE CARLO; BARTALOTTI, 2001 e SOARES, 1991 apud CAVALCANTE; TAVARES; BEZERRA, 2008).

Na década de 40 houve a expansão da profissão com a abertura de cursos e a criação de identidades de classe. A partir daí gerou-se um movimento para a obtenção de suporte teórico para a prática profissional (DRUMMOND, 2007).

No Brasil, no final dos anos 1950 e início dos 60, ocorre a criação do primeiro curso de graduação na USP e posteriormente o reconhecimento da profissão. (DRUMMOND, 2007 e CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Ainda segundo Drummond (2007, p. 11), esse movimento foi desencadeado por fatores externos e internos à profissão. Os fatores externos se relacionam com “a repercussão econômica, política e social advinda da Segunda Guerra Mundial ao incrementar a produção de bens tecnológicos e a busca de especializações em diversas áreas”. Já como fatores internos, destaca-se o desejo dos profissionais em aprofundar-se nas questões teóricas e também o desejo de maior autonomia em relação à classe médica. Assim, nessa época, destaca-se o aprofundamento dos terapeutas ocupacionais em áreas afins, sobretudo nas áreas médicas e da psicologia.

Essa outra concepção buscava um reconhecimento científico para a profissão e estava fundamentada no modelo médico e psicológico (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001).

Na década de 60 e 70, destacam-se os investimentos para “explicitar os fundamentos da terapia ocupacional” em suas diferentes áreas de atuação e a produção sobre a ocupação (DRUMMOND, 2007, p. 11).

Nessa época, Mary Reilly desenvolveu o Comportamento Ocupacional, o qual subsidiou as produções futuras da área. Nele fundamentou-se “que a ocupação era o centro e o método” da terapia ocupacional. A adaptação ao trabalho e jogo, motivação para a ocupação, adaptação no tempo e papéis ocupacionais consistem nos quatro principais temas conceituais. A partir da repercussão do Comportamento Ocupacional houve a expansão das pesquisas em terapia ocupacional, motivando “formas embrionárias dos modelos de ocupação e a tendência do descentramento da patologia como primeiro elemento de análise das pesquisas e práticas dos terapeutas ocupacionais, focando-se, sobretudo, no estudo da ocupação” (DRUMMOND, 2007, p. 11).

No Brasil, a partir da década de 80, cresce a produção nacional de literatura da área, bem como as críticas sobre a grande influência norte-americana exercida sobre os profissionais brasileiros. Até então, a prática profissional era firmada no modelo positivista (DRUMMOND, 2007).

Questionavam-se sobretudo, a alienação política das práticas dos profissionais, a falta de crítica das condições concretas de reabilitação dos pacientes no contexto sócio-econômico-político brasileiro, a neutralidade política adotada nos conceitos de terapia ocupacional ao visarem a uma adaptação ótima dos pacientes na sociedade (DRUMMOND, 2007, p. 13).

Assim como no âmbito internacional, esse processo se deu por fatores internos e externos ao campo profissional. Sendo que externamente destaca-se o sistema político e econômico vigente na época. Já internamente, destaca-se o aumento do número de docentes nos cursos de graduação promovendo um questionamento coletivo acerca da formação e prática profissional e inserção na atenção primária à saúde proporcionando a “vivência *in loco* da realidade brasileira” (DRUMMOND, 2007, p. 13).

Ainda nessa época cresce o envolvimento dos profissionais em programas de pós-graduação nas áreas da Ciências Humanas “apontando as contribuições do materialismo histórico dialético para a fundamentação da profissão”. Os fundamentos da terapia ocupacional passam a ser analisados a partir das correntes

positivistas, humanistas e materialista histórica. Paralelamente, profissionais brasileiros desenvolvem e publicam métodos (DRUMMOND, 2007, p. 13).

O positivismo se caracteriza por considerar como verdade somente aquilo que pode ser comprovado por meio da experiência, fatos visíveis e positivos, ou seja, é necessário prova concreta e mensurável. A ciência é neutra e qualquer julgamento de valor, emoções ou sentimentos devem ser desprezados. O materialismo histórico, por sua vez, considera os aspectos históricos da sociedade, onde o modo de produção condiciona a vida social, política e intelectual. Apresenta uma posição no contexto político e comprometimento do sujeito com sua realidade (BORGES; DALBERIO, 2007).

Borges e Dalberio (2007) argumentam que o paradigma positivista partilha das ideias liberais e do darwinismo social, que acelerou o crescimento econômico a partir dos objetivos da elite dominante que difundiu seus valores por toda a sociedade. Objetiva uma ordem social com separação da política, religião, saberes da classe ativa e saberes da classe especulativa. Já para o materialismo histórico, o desenvolvimento da sociedade é marcado pela luta de classes entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores espoliados.

A corrente humanista, de forte influência fenomenológica, é marcada pelo antropocentrismo, o racionalismo e o cientificismo. Na terapia ocupacional, dentro deste modelo, destaca-se a médica psiquiatra Nise da Silveira, que dirigiu o Serviço de Terapia Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional no Rio de Janeiro na década de 40. Na ocasião, o principal objetivo da terapia ocupacional era proporcionar atividades para a expressão do inconsciente, principalmente através da arte, partindo da concepção psicodinâmica de que toda atividade humana é carregada de simbolismos (ALMEIDA, 1996).

Os terapeutas, segundo Castro, Lima e Brunello (2001), tornaram-se especialistas no tratamento de certas lesões e precisavam estar habilitados para lidar com adaptações, próteses, exercícios e outros recursos que (re)adaptassem os indivíduos às atividades da vida diária. Durante esse período, o tratamento do paciente psiquiátrico também se modificou: uma ênfase maior passou a ser dada à adaptação do indivíduo ao seu meio social e a tentativa de efetivar um retorno funcional deste a família e a comunidade, além disso nessa época, foi introduzida a abordagem psicodinâmica na terapia ocupacional.

Os hospitais psiquiátricos brasileiros que surgiram a partir de meados do século XIX procuravam seguir os moldes da proposta de intervenção do tratamento moral de Pinel. Mesmo essas práticas entrando em declínio devido às concepções heterogêneas as atividades monótonas e repetitivas não desapareceram do asilo, em quase todos foram mantidas essas "atividades que entre outras, auxiliavam na manutenção da própria instituição" (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p.42).

Quando os terapeutas ocupacionais começaram a atuar nessas instituições, encontraram ali práticas e concepções do uso de atividades já determinadas, que estavam comprometidas com a manutenção ideológica desses locais, associadas, muitas vezes, a uma "ocupação" esvaziada de significado e distanciada das necessidades reais dos pacientes (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 43).

Ainda segundo Castro, Lima, Brunello (2001, p. 43) a partir daí, os profissionais buscaram repensar a profissão sobre outras bases teóricas, ideológicas e práticas. Vislumbravam a possibilidade de "tomar esse conjunto de práticas e saberes já construídos e acumulados, não para negá-los, mas para reconstruí-los, enfrentando as contradições de uma reformulação e propondo modos de operar e pensar essa atuação que respondessem de forma mais adequada à demanda que a prática e o encontro com os pacientes colocava cotidianamente".

Portanto, o envolvimento dos terapeutas ocupacionais nas discussões políticas na década de 60 a 80 refletiu em novos espaços de atuação não só na área da saúde, mas também no campo social e educacional, "com práticas voltadas à população infantil, adolescentes, idosos, presidiários, em projetos de inserção social e de luta por direitos de pessoas com deficiência, entre outras" (ROCHA; PAIVA; OLIVEIRA, 2012, p. 354).

A terapia ocupacional possui abrangência em diversas áreas como, por exemplo, saúde mental e psiquiatria, saúde do trabalhador, pediatria e neonatologia, prática social, geriatria e gerontologia, disfunção física, disfunção sensorial, tecnologia assistiva, oncologia, equoterapia, educação especial e inclusão escolar, AIDS, entre outras.

Vale citar que o nome da profissão enquanto terapia ocupacional é adotada em todo continente americano e em países de influência anglo-americana como África do Sul, Austrália, Japão e Nova Zelândia. Já na maioria dos países europeus o nome adotado para a profissão é "ergoterapia" (SOARES, 2007).

No código de ética da terapia ocupacional consta que:

o terapeuta ocupacional presta assistência ao ser humano, tanto no plano individual quanto coletivo, participando da promoção, prevenção de agravos, tratamento, recuperação e reabilitação da sua saúde e cuidados paliativos, bem como estabelece a diagnose, avaliação e acompanhamento do histórico ocupacional de pessoas, famílias, grupos e comunidades, por meio da interpretação do desempenho ocupacional dos papéis sociais contextualizados, sem discriminação de qualquer forma ou pretexto, segundo os princípios do sistema de saúde, de assistência social, educação e cultura, vigentes no Brasil (CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL, 2013, s/n).

Ainda segundo o código de ética da terapia ocupacional é dever do terapeuta ocupacional favorecer para a promoção do respeito, liberdade, dignidade, direitos sociais, igualdade e integridade do ser humano. Devendo ainda contribuir para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. O profissional, terapeuta ocupacional, somente pode aceitar a atribuição de encargo quando este estiver em consonância aos direitos humanos. A vida humana deve ser respeitada e a integridade física, psíquica, moral, cultural e social do ser humano sua inclusão sócio comunitária jamais devem ser violadas (CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL, 2013)

Para Guajardo C. (2014) a terapia ocupacional na atualidade se constitui como um território em disputa expresso em três linhas de desenvolvimento sendo eles: a continuidade da ciência positivista que visando a consolidação da ciência da ocupação com destaque à vertente estadunidense; a terapia ocupacional que busca abarcar o campo social, ético e político somente como área de atuação e sem considerar aspectos fundamentais e epistêmicos, se apoia na ciência da ocupação e tem como destaque a vertente canadense-australiana; e a terapia ocupacional do sul, com destaque nas vertentes latino-americanas e sul-africana, também com alguns atores relevantes na Espanha e no Reino Unido, que tem como foco uma perspectiva crítico- política onde o propósito é da transformação social.

2.1 Terapia Ocupacional Crítica na perspectiva do sul

A terapia ocupacional latino-americana tem se destacado nas publicações, principalmente do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia e Venezuela, para discussão

dos aspectos políticos e éticos da profissão, em busca de direitos humanos, justiça social e equidade (MORÁN; ULLOA, 2016, SILVA et al., 2019).

Esse movimento emergiu principalmente devido a demanda da Terapia Ocupacional Social. Denomina como "Terapia Ocupacional do sul" essa perspectiva em desenvolvimento tem por objetivo diferenciar-se das influências clássicas (europeias, ocidentais e anglo-saxônicas), de onde se derivam a maior parte dos métodos, investigações e práticas da terapia ocupacional e focar as análises em nosso território visto as características próprias de nossa região que ainda sofre as consequências do capitalismo colonial eurocêntrico (MORÁN; ULLOA, 2016 e GONTIJO; SANTIAGO, 2020).

O termo "sul" não se refere a posição geográfica dos países propriamente, mas é uma metáfora de Boaventura de Sousa Santos (1999)

para o sofrimento humano causado pelo capitalismo global e pelo colonialismo e a resistência para superá-lo ou minimizá-lo. É por isso que é um Sul anticapitalista, anticolonial e anti-imperialista. É um Sul que também existe no Norte global, na forma de populações excluídas, silenciadas e marginalizadas, como estão os imigrantes sem documentos, os desempregados, as minorias étnicas ou religiosas, as vítimas de sexismo, da homofobia e do racismo (apud SILVA et al., 2019, p. 173).

Para Morán e Ulloa (2016, p. 424) a cultura ocidental é apresentada como a parte iluminada e dona dos conhecimentos do mundo tendo como missão difundir esses conhecimentos para as demais culturas, as quais são passivas e tem como missão aceitar o progresso e a civilização proveniente da Europa. Essa doutrinação também se reflete na terapia ocupacional, "na qual suas principais correntes teóricas são do norte em detrimento dos conhecimentos do sul, em especial da América Latina, visto o coletivo imaginário de terceiro-mundista e subdesenvolvido" (tradução nossa)².

Quando a terapia ocupacional foi difundida para os países da latino-americanos, emergiu com uma prática centrada na concepção de indivíduo, o que significava que o indivíduo deveria ser tratado para superar-se e adaptar-se para ser independente.

Bianchi e Malfitano (2017) relatam existir bastante similaridade na estrutura dos cursos de terapia ocupacional das universidades latino-americanas. Apesar do

² en la cual sus principales corrientes teoricas provienen del norte y estan en desmedro de los conocimientos del sur, en especial de latinoamericana, vista en el colectivo imaginario como tercermundista, subdesarrollada.

ciclo básico da graduação em terapia ocupacional contemplar o ensino das áreas biológicas, da saúde, sociais, humanas, psicológicas, exatas e relativas à pesquisa, o viés biomédico ainda se sobrepõe às ciências sociais e humanas quanto às disciplinas curriculares. Ressaltam ainda que a discussão do modelo biomédico não se restringe à questão das ofertas de disciplinas na graduação, mas este fato se trata de um dado objetivo relativo à vertente dominante e demonstra a necessidade de preparar os profissionais para as demandas direcionadas ao contexto latino-americano.

Ainda neste sentido, Moreno (2012) atenta que o suporte bibliográfico do curso, nos primeiros anos, era importado dos países anglófonos. Na América Latina, a divulgação do conhecimento ocorre principalmente via as publicações em revistas periódicas. Fatores, principalmente de ordem financeira, interferem na manutenção e visibilidade/circulação destas revistas, que em sua maioria são gerenciadas por associações.

Considerando que muitos estudantes e profissionais procuram publicar seus trabalhos em revistas estrangeiras buscando uma maior visibilidade, Moreno (2012) relata que em sua pesquisa realizada nos principais repositórios da América Latina como o *Lilacs*, não encontrou nenhuma publicação, referente a terapia ocupacional, de autores do norte realizada nas revistas latino-americanas, enquanto o oposto não é incomum.

Bianchi e Malfitano (2017) apontam que após seis décadas da consolidação dos cursos de formação profissional de terapia ocupacional na América Latina, ditadura militares, implantação de políticas neoliberais, políticas sociais frágeis, processos de democratização, expansão do ensino superior, estamos numa época caracterizada por grandes avanços, porém também com grandes contradições e injustiças sociais os terapeutas ocupacionais se encontram em período histórico de crescimento.

Galheigo (2014) afirma que a terapia ocupacional latino-americana não é única e nem universal, porém compartilha diversas identificações.

Silva et al. (2019) destacam que a América Latina é marcada pela colonização, por avanços e rupturas em relação a conquistas de direitos, pelas ditaduras militares, pelo neoliberalismo, por governos populistas, de esquerdas, e que hoje muitos vivenciamos a destruição ocasionadas pelas políticas neoliberais e o temor do fascismo.

Como explicitado anteriormente, principalmente a partir dos anos 1980, os terapeutas ocupacionais brasileiros passam a se envolver mais ativamente nos movimentos sociais. Nessa época destaca-se os movimentos para a desinstitucionalização e o fortalecimento de grupos e coletivos para auxiliar a conquista de seus direitos em contraposição ao regime excludente da política atuante (ROCHA; PAIVA; OLIVEIRA, 2012, GALHEIGO, 2014 e CÓRDOBA; GALHEIGO, 2015).

No Chile, por exemplo, nesta mesma época, terapeutas ocupacionais iniciam na atenção a pessoas vítimas da repressão política (CÓRDOBA; GALHEIGO, 2015). Desde então, a terapia ocupacional tem acompanhado e concebido "práticas e saberes em consonância com os movimentos sociais e sua luta por acesso à saúde, educação, cultura, trabalho, seguridade e assistência social" (GALHEIGO, 2014).

Para Córdoba e Galheigo (2015) fica evidente que não é possível a compreensão e práxis da terapia ocupacional dissociada da ética e da política, sendo a defesa aos Direitos Humanos enfoque central para a saúde coletiva e social. Assim a terapia ocupacional segue focada para a autonomia, emancipação, liberdade, o direito à vida e a participação social dos sujeitos.

Neste ponto, cabe uma ressalva quanto a questão dos direitos humanos, Córdoba e Galheigo (2015) atentam para o fato de que, na história da América Latina, os Direitos Humanos do chamado primeiro mundo se mostraram com critérios variáveis, inclusive demonstrando complacência com ditadores, visando atender aos interesses do que eles consideram desenvolvimento. Por tanto, nessa perspectiva crítica, o compromisso com os Direitos Humanos que se assume não é o hegemônico.

Nos identificamos como Terapeutas Ocupacional Latino-americanos, quando percebemos que os modelos de intervenção estrangeiros careciam em considerar aspectos valiosos de nosso cotidiano, gerado por uma nutrida história comum e por uma diversidade cultural sobrevivente da colonização, e então surgiu a necessidade de realizar um chamado de atenção a nós mesmos, para sacudir o chão, em algum grau, de alguns ou algumas, que como aqueles que escrevem estas linhas, são sensíveis de admitir que saúde não é estar meramente são, que ocupação não é um objeto cósmico ou apenas uma atividade de interesse, que existem obstáculos econômicos, políticos e onto epistêmicos que impedem, nossa realização pessoal, que a Terapia Ocupacional é política, porque reproduz e

mantém o motor gerador de exclusão ou o transforma (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 4, tradução nossa).³

Segundo Morán e Ulloa (2016, p. 425) é urgente assumir uma "posição ético-política-cultural radical", desprendendo da concepção hegemônica e rumar para a pluralidade da terapia ocupacional, promovendo a compreensão e o reconhecimento de que nossa realidade não é a mesma de outros locais.

Guajardo C. (2014) destaca que a terapia ocupacional é política, pois emergiu das condições históricas e com ela continua a se relacionar, pois produz a partir dos problemas sociais. Também se constitui como política, pois possui uma gama de saberes, métodos, técnica e tecnologias que convertem o sujeito e o corpo do sujeito em espaço político à medida que interfere na gestão da vida das pessoas, o que se costuma denominar de adaptação ocupacional, integração ocupacional ou inclusão ocupacional.

As situações de desigualdade no acesso aos serviços assim como os recursos que os usuários e suas famílias dispõem determinam situações de inclusão e exclusão (PULGAR; TOBAR, 2014).

Em outras palavras, para exemplificar de maneira muito simples como se relaciona diretamente com a prática profissional, é demonstrar que uma pessoa com deficiência física no Brasil enfrenta condições diferentes de uma pessoa com deficiência física na Suíça, que uma criança com autismo no Chile enfrenta condições diferentes de uma criança com autismo na Finlândia, que um adolescente sob tutela do Estado no Equador enfrenta condições diferentes de um adolescente sob tutela do Estado na Austrália. Assim, como os próprios profissionais terapeutas ocupacionais enfrentam condições adversas em relação à profissão, suas condições de trabalho, reconhecimento profissional, campo de trabalho, etc.

Assim, os autores Morán e Ulloa (2016, p. 426) propõem uma "*Terapia Ocupacional de la liberación*", para a qual é preciso "descolonizar a ocupação humana".

³ Nos identificamos como Terapeutas Ocupacionales Latinoamericanos, cuando notamos que los modelos de intervención extranjeros carecían en considerar aspectos valiosos de nuestro cotidiano, generado por una nutrida historia común y por una diversidad cultural sobreviviente de la colonización, y entonces surgió la necesidad de realizar un llamado de atención a nosotros mismos, para remecer el suelo, en algún grado, de algunos o algunas, que al igual que quienes escriben estas líneas, son sensibles de advertir que salud no es estar meramente sano, que ocupación no es un objeto cósico o sólo una actividad de interés, que existen obstáculos económicos, políticos y onto epistémicos que impiden nuestra realización personal, que la Terapia Ocupacional es política, porque reproduce y mantiene el motor generador de exclusión, o lo transforma.

A partir dessa compreensão da terapia ocupacional, se propõe "descolonizar a ocupação humana", que é o deslocamento, a noção de distanciamento em relação à condição pluriversal de ocupação; entender a ocupação como uma expressão histórica diversa, como uma práxis em constante transformação, como um potencial humano que vai mudando através das tensões e lutas sociais, nas mudanças de paradigma e no desenvolvimento das forças produtivas. (...) Uma ocupação humana com um conhecimento local de qualidade, que abre uma porta para combater os maus efeitos do eurocentrismo, determina os seus flancos fracos e enfrentá-los com forças territoriais de resistência. Os localismos globalizados contra os globalismos localizados do conhecimento para a Terapia Ocupacional convergem para a glocalização da ocupação e da pesquisa (MORÁN; ULLOA, 2016, p. 426, tradução nossa)⁴.

Segundo Galheigo (2014), no período pós 1990 na terapia ocupacional latino-americana tem se destacado os saberes e práticas que valorizam os coletivos e contextos, pois o compromisso ético-político dos profissionais fomenta a crítica à visão reducionista que se pauta no individual e no universal.

Galheigo (2012) atenta para o cuidado de que no Brasil o termo "ocupação" não é tão utilizado quanto o termo "atividade", pois para nós as concepções de atividade e práxis são mais significativas. Inclusive, nos anos 1990, a terapeuta ocupacional Marília Caniglia propôs a mudança de nome da profissão para Praxiterapia e a criação Ciência da Atividade Humana chamada de Praxiologia, baseada na concepção marxista de práxis. Ainda segundo a autora, o projeto não foi adiante devido a questões burocráticas (GALHEIGO; SIMÓ, 2012).

Galheigo (2012) relata que o profissional de terapia ocupacional deve exercer a prática profissional com compromisso ético e político, escutando e acolhendo as demandas das pessoas e coletivos, considerando suas complexidades e visando a transformação social (GALHEIGO; SIMÓ, 2012).

Para Morán e Ulloa (2016) é fundamental que a terapia ocupacional assuma preocupações relacionadas às relações de poder buscando a descolonização e o desenvolvimento de uma ordem mundial policêntrica.

⁴ Desde esta comprensión de la terapia ocupacional, se propone "descolonizar la ocupación humana" que es el desplazamiento, la noción de desprendimiento hacia la condición pluriversal de la ocupación; comprender la ocupación como expresión histórica diversa, como praxis en constante transformación, como potencial humano que va mutando a través de las tensiones y luchas sociales, a través de los cambios de paradigmas y el desarrollo de las fuerzas productivas. (...) Una ocupación humana con calidad localista del conocimiento, que abre un portillo para combatir los malos efectos del eurocentrismo, determinar sus flancos débiles y enfrentar los con fuerzas territoriales de resistencia. Localismos globalizados en contra de globalismos localizados del conocimiento para la Terapia Ocupacional, convergen hacia la glocalización de la ocupación y la investigación.

A terapia ocupacional crítica é um compromisso com a verdade, a liberdade e a democracia, sendo preciso descolonizar a terapia ocupacional, mas também descolonizar a nós mesmos enquanto indivíduos e profissionais (SILVA et al., 2019).

Neste caminho, importantes referenciais epistemológicos têm sido utilizados como subsídio da terapia ocupacional crítica, como por exemplo, Boaventura de Souza Santos, Michel Foucault, Franco Basaglia, Pierre Félix Bourdieu, Hannah Arendt e Edgar Morin (GALHEIGO; SIMÓ, 2012).

Na perspectiva da Terapia Ocupacional do sul, destacam-se as influências intelectuais de Enrique Dussel (argentino), Paulo Freire (brasileiro), Orlando Fals Borda (colombiano), Ignacio Martín-Baró (salvadorenho), Maritza Montero (venezuelana), entre outros (MORÁN; ULLOA, 2016).

Galheigo (2014, p. 219) reconhece que as identificações da terapia ocupacional na América Latina estão alinhadas às tensões contemporâneas de modo que alguns profissionais desenvolvem seus trabalhos a partir de uma "concepção individualizada e abstrata (universal) de subjetividade, isto é, adotando a perspectiva de que os problemas devem ser tratados como transtornos pessoais" enquanto outros profissionais consideram a concepção coletiva de subjetividade onde inclui-se a contextualidade social, cultural, econômica, ecológica e política.

3 A PEDAGOGIA FREIREANA NA PRÁXIS TERAPÊUTICA OCUPACIONAL

3.1 Quem foi Paulo Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, no Recife (PE). Filho de Joaquim Themístocles Freire, oficial da Polícia Militar de Pernambuco, e Edeltrudes Neves Freire, conhecida como Dona Tudinha, dona de casa. Filho caçula entre quatro irmãos, sua biografia revela ter crescido num ambiente familiar harmonioso apesar das dificuldades (FREIRE, A.M.A., 2018).

Paulo entrou na escola aos 6 anos. Em 1932 a família mudou-se para a cidade de Jaboatão devido às grandes dificuldades financeiras. Após o falecimento do pai, em 1934, o sustento da casa ficou ainda mais difícil e foi nessa mesma época que Freire relata ter conhecido a fome (FREIRE, 1994 e FREIRE, A.M.A., 2018).

Mesmo com dificuldades, prosseguiu nos estudos e ainda no ginásio começou a dar aulas. cursou a graduação em direito no período de 1943 a 1947 na Faculdade de Direito do Recife. Nesse período, o Brasil encontrava-se na ditadura de Vargas. Apesar de ter iniciado um pequeno escritório de advocacia com amigos, Freire não seguiu na carreira. Expressava que dar aulas de Língua Portuguesa era sua vocação (CORTELLA, 2011 e FREIRE, A.M.A., 2018).

Em 1947, começou a trabalhar no SESI (Serviço Social da Indústria) de Pernambuco, como assistente da Divisão de Divulgação, Educação e Cultura, onde permaneceu por alguns anos, ocupando diferentes cargos. Por meio da Ação Católica realizou trabalhos pastorais. Durante a gestão de Pelópidas Silveira no município de Recife, Freire foi membro consultivo do conselho de educação e diretor da Divisão de Cultura e Recreação. Foi convidado, pelo então governador de Recife, Miguel Arraes, para desenvolver um projeto de alfabetização de adultos (FREIRE, A.M.A., 2018).

Paulo Freire participou ativamente dos movimentos de educação popular no início dos anos 60. Nessa época, o Brasil passava por momentos políticos e sociais relevantes. O presidente eleito Jânio Quadros renunciou ao cargo após oito meses e João Goulart assumiu a presidência da república após tentativas de embargo (FREIRE, A.M.A., 2018).

Um dos movimentos em que Paulo Freire mais atuou ativamente neste período foi no Movimento de Cultura Popular (MCP) de Recife. O MCP tinha por objetivo ações educativas e culturais para integrar os homens e mulheres nordestinos em seu "processo de libertação social, econômica, política e cultural" (FREIRE, A.M.A., 2018).

Uma das passagens de mais destaque na biografia de Paulo Freire refere-se a campanha de alfabetização na cidade de Angicos em 1963, no Rio Grande do Norte, a convite do então governo estadual. Na ocasião, 300 participantes, com idades a partir de 14 anos, foram alfabetizados em cerca de três meses através do Método Paulo Freire. A formatura do grupo contou com a presença de diversas autoridades, como o governador do estado, o presidente João Goulart e também do então ministro da educação, além da imprensa (FREIRE, A.M.A., 2018).

No mesmo ano, Freire recebe um convite do governo federal para desenvolver a educação popular. Em 1964, ele criou o Programa Nacional de Alfabetização (PNA). A proposta era que 5 milhões de jovens e adultos fossem alfabetizados através do Método Paulo Freire. Importante lembrar que naquela época as pessoas não alfabetizadas não tinham direito ao voto, e ainda que a estimativa de analfabetismo entre adultos era de cerca de 20.464.000 pessoas (FREIRE, A.M.A., 2018).

Antes do lançamento do projeto, os militares deram um golpe de estado (1 de abril de 1964) e o General Castelo Branco foi empossado como o primeiro presidente da ditadura militar. O Programa Nacional de Alfabetização (PNA) foi extinto e Paulo Freire foi preso acusado de subverter a ordem instituída (FREIRE, A.M.A., 2018).

Após 75 dias encarcerado, Freire deixou o país rumo à Bolívia e na sequência ao Chile. Lá, de 1964 a 1969, atuou junto aos camponeses. Foi nessa época que escreveu uma das suas mais importantes e conhecidas obras, *Pedagogia do Oprimido* (1968). Traduzida para mais de 20 idiomas, a obra só chegou oficialmente ao Brasil quatro anos depois de sua publicação em virtude da censura imposta pela ditadura militar (CORTELLA, 2011 e FREIRE, A.M.A., 2018).

Freire mudou-se para os Estados Unidos em 1969 onde foi convidado a lecionar na Universidade de Harvard. Em 1970, Freire vai para Genebra, na Suíça, onde trabalhou como consultor do Conselho Mundial das Igrejas Cristãs por dez anos. Freire visitou diversos países, desenvolvendo programas de alfabetização de

adultos e defendendo processos de descolonização dos chamados países do terceiro mundo através de uma educação libertadora (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008 e FREIRE, A.M.A., 2018).

A lei de anistia foi promulgada em 1979 pelo então presidente general Figueiredo. Freire e sua família retornam ao Brasil após 16 anos no exílio, em 1980. Passou a lecionar em universidades como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), também fez parte de organizações da sociedade civil (CORTELLA, 2011, FREIRE, A.M.A., 2018).

Em 1980, Paulo Freire ajudou na fundação do Partido dos Trabalhadores. No ano de 1989, em São Paulo, Luiza Erundina foi eleita prefeita pelo mesmo partido convidando Freire para assumir a Secretaria de Educação. À frente desta secretaria, buscou fomentar as propostas de Educação Popular, a implementação de movimentos de alfabetização, revisão curricular e na recuperação salarial dos professores (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008 e CORTELLA, 2011).

Em 2 de maio de 1997, na cidade de São Paulo, Paulo Freire faleceu em decorrência de um enfarte agudo do miocárdio (FREIRE, A.M.A., 2018).

Durante sua vida, Freire publicou diversos livros como *Educação como Prática da Liberdade* (1967), *Pedagogia do Oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da Esperança* (1992), *À Sombra desta Mangueira* (1995), *Pedagogia da Autonomia* (1997). Sua obra póstuma é competência da sua segunda esposa, Ana Maria Freire.

Mais do que ler e escrever, a proposta de Paulo Freire consistia em proporcionar aos alunos uma leitura de mundo, desenvolvendo a consciência de seu pertencimento no mundo e de sua responsabilidade social.

Paulo Freire recebeu o título de Doutor Honoris Causa em diversas universidades do mundo. Foi declarado patrono da Educação Brasileira em 2012. Recebeu diversos prêmios, como por exemplo: *“Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento”* em 1980 na Bélgica, *“Prêmio Unesco da Educação para a Paz”* em 1986 e *“Prêmio Andres Bello”* em 1992, como Educador do Continente, da Organização dos Estados Americanos (CORTELLA, 2011 e FREIRE, A.M.A., 2018).

3.2 Paulo Freire e América Latina

A relação de Freire com a América Latina se dá muito além do fato de ser um educador brasileiro e por consequência latino-americano. Durante a sua trajetória Freire estabeleceu relações diretas com diversos países. Chegou a visitar e mesmo exilar-se em alguns deles.

Segundo Adams e Streck (2008), revisando dez obras de Freire o termo "América Latina" apareceu no mínimo 88 vezes, sendo 41 somente no livro "Ação Cultural para a Liberdade". Em uma busca nossa, por termos como América Latina e latino-americano/a/os/as, não excluindo títulos, sumários e referências, encontramos os resultados conforme a tabela que se segue:

Tabela 1 - Resultado das buscas pelos termos "América Latina" e "latino-americano" em algumas das obras de Paulo Freire

OBRA	TERMO PESQUISADO	
	América Latina	Latino-americano /a/os/as
<i>Cartas a Guiné Bissau</i>	1	1
<i>Educação e Mudança</i>	2	6
<i>Ação cultural para liberdade</i>	44	15
<i>Medo e ousadia</i>	7	4
<i>Pedagogia do Oprimido</i>	4	3
<i>Que fazer</i>	0	0
<i>pedagogia: diálogo e conflito</i>	0	0
<i>Pedagogia da autonomia</i>	0	0
<i>Pedagogia da esperança</i>	18	9
<i>Pedagogia da indignação</i>	1	0
<i>Pedagogia da tolerância</i>	14	8
<i>Pedagogia dos sonhos possíveis</i>	11	6
<i>Política e educação</i>	3	4
<i>Por Uma pedagogia da pergunta</i>	23	16
<i>Professora sim, tia não</i>	0	0
<i>Sobre educação -volume II</i>	1	0
<i>Conscientização</i>	10	8

Fonte: Realizado a partir de pesquisa da autora nas obras mencionadas.

É importante destacar que essa foi uma busca informal, por tanto pode haver algum erro de contagem. Não buscamos termos sinônimos, como latino, latino-americanidade, Latino América, entre outros. Também há de se considerar que nem sempre termos diretamente relativos à América Latina precisam ser citados para referir-se a mesma. Outros pontos importantes são que em algumas das obras citadas Paulo Freire não é o único autor e que algumas obras são póstumas. Ainda assim, essa busca é interessante para perceber a aproximação do autor com essa temática. Mesmo que Paulo Freire não tenha uma obra específica para a América Latina, ela é diretamente citada em várias e mesmo nas que não contam citações diretas seu conteúdo a abrange.

Podemos notar que, em concordância com Adams e Streck (2008), dentre as pesquisadas, às obras onde mais aparecem "América Latina" e "latino-americanos" é *Ação cultural para a liberdade*. E em nossa busca vieram em seguida as obras *Por uma pedagogia da pergunta*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia da tolerância*.

Faundez (2012) contextualiza os anos 60 na América Latina pelo combate das ideologias Cristãs e Marxistas. Segundo ele, o cristianismo chega com os Ibéricos e desde então exerce sua influência. Já o marxismo chega no início do século XX através de organizações operárias e alguns intelectuais, e na década de 60 passa a ser estudado em algumas universidades. Mesmo com diferentes estruturas e interpretações tanto do catolicismo quanto do marxismo, ambas influenciaram correntes políticas na década de 60, tendo o catolicismo latino-americano optado por uma teologia vinculada ao social e o marxismo buscando uma revolução, não necessariamente dos operários, mas dos homens do campo. Ainda segundo o autor, é neste contexto, entre essas ideologias que passam a dialogar, que encontra-se Paulo Freire.

Streck, Redin e Zitkoski (2008) declaram que Freire está dentre os ascendentes da luta e organização das classes populares que emergiram na América Latina.

Em sua obra intitulada *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*, Freire propõe uma análise dos níveis de consciência na América Latina. Das relações entre o chamado Primeiro Mundo e o Terceiro Mundo emerge a cultura do silêncio. A cultura do silêncio é aquela na qual a voz pertence ao dominante. O dominado, não se cala apenas por reproduzir a ideologia dominante, mas também

por uma tentativa de defesa e sobrevivência. Essa relação entre dominantes e dominados na cultura do silêncio se dá de modo dialético. E nesta cultura do silêncio contempla-se formas de consciência dominada (FREIRE, 1981).

As classes dominantes do Primeiro e Terceiro Mundo se divergem à medida que, no Primeiro, elas se sobrepõem não somente em seus próprios grupos e classes dominadas, mas também exercem poder sobre o Terceiro Mundo que assume uma posição de dependência. Ainda que sejam classes dominadas do Primeiro Mundo, estas formam em conjunto com as classes dominadoras, uma totalidade dominante. Ou seja, de um lado os dominados do Primeiro Mundo se colocam como superiores ao Terceiro Mundo, do outro, os dominados do Terceiro Mundo reconhecem os dominados do Primeiro Mundo como dominadores também. Ambos só passam a reconhecerem-se como companheiros de jornada conforme se reconhecem como uma maioria de dominados que contempla realidades diversas e não mais como minorias divididas. As classes dominantes do Terceiro Mundo, por sua vez, não impõem a sua própria voz, mas denotam a voz dos dominadores do Primeiro Mundo (FREIRE, 1981).

A desumanização é a exploração, a alienação, a perda de si, e o homem que perde a si mesmo, também perde-se aos demais (FREIRE, 1987).

Historicamente os opressores desumanizam os oprimidos através da violência em suas mais variadas formas. E quando o homem desumaniza o outro também desumaniza a si mesmo (FREIRE, 1987).

Há algo que está no ar, na Argentina, no Brasil, no mundo inteiro, que nos ameaça. Esse algo é a ideologia imobilizadora, fatalista, segundo a qual não temos mais nada que fazer, segundo a qual a realidade é imutável (FREIRE, 2018, p.32)

Para Freire o grande poder do discurso neoliberal está mais relacionado a dimensão ideológico-política do que a dimensão econômica (FREIRE, 2018).

Através da revolução das estruturas é que se pode romper com a cultura do silêncio, por isso Freire (1981) destaca a importância da liderança revolucionária conhecer esta cultura. Para ele, não é possível que algum governo latino-americano seja independente do poder colonizador se internamente preservar a cultura do silêncio. Freire cita, a exemplo disto, a contradição criada por governos populistas na América Latina quando tentaram estabelecer certa independência do império ao

mesmo tempo impondo grande controle interno. Aqui no Brasil, na década de 60, por exemplo, essa situação culminou no golpe militar.

Então, se esta relação sujeito-objeto é aberta, significa que a desumanização, apesar de ser uma realidade histórica, não é fatídica. É possível libertar-se, humanizar-se (FREIRE, 1987).

Não há imobilismo na história. Sempre há algo que podemos fazer e refazer. Fala-se muito em globalização. Vocês devem ter visto que a globalização aparece como uma espécie de entidade abstrata que se criou a si mesma do nada e frente a qual nada podemos fazer. É a globalização, ponto final! Esta questão é bem diferente. A globalização somente representa um determinado momento de um processo de desenvolvimento da economia capitalista que chegou a este ponto mediante uma determinada orientação política que não é necessariamente a única (FREIRE, 2018, p. 33).

Em "Pedagogia da Indignação", Freire (2000) sugere que ao invés de festejar a colonização devemos homenagear aqueles que com coragem e rebeldia lutaram contra os invasores. Relata que sua posição não era a de quem nutria ódio aos europeus, mas de quem se recusava a acomodar-se aceitar qualquer forma de colonialismo.

Para Freire as culturas não são piores ou melhores, mas diferentes entre si, e isso não significa que elas não possuam negatividades a serem superadas (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Quando questionado sobre qual a utopia educadora que seria possível na América Latina, Freire respondeu que é a reinvenção das sociedades para que estas sejam mais humanas, mais visíveis, mais respeitadas em todo o mundo e para todas as classes sociais (FREIRE, 2018).

3.3 Paulo Freire e Terapia Ocupacional: possibilidades de diálogos na concepção de uma educação inclusiva crítica

Para Barros, Ghirardi e Lopes (2002, p. 96) para “dar conta de uma terapia ocupacional que vem se constituindo fora do eixo estruturador saúde-doença” é necessário buscar novas conexões problematizando as relações que estabelece na sociedade e conceber princípios metodológicos para refletir a prática sem cair em teorias redutoras ou modelos pré-definidos.

O estudo de Gontijo e Santiago (2018) teve como objetivo investigar como as concepções de Paulo Freire têm se relacionado com a Terapia Ocupacional no Brasil. Para isso realizou a análise de 37 artigos publicados em periódicos brasileiros, de 2000 a 2016, por terapeutas ocupacionais e nos quais contém no mínimo uma citação a Freire. Concepções sobre diálogo, autonomia, reflexão crítica, práxis, conscientização e problematização foram as mais frequentemente encontradas. O estudo relata também que a obra "Pedagogia do Oprimido" foi a mais citada, aparecendo em mais da metade das publicações. Também aponta que a aproximação entre a Terapia Ocupacional e Paulo Freire é crescente e está relacionada com o processo de superação das concepções biomédicas e positivistas.

Este mesmo estudo defende que esse diálogo entre a Terapia Ocupacional e Paulo Freire pode contribuir para aprofundar questões como o que significa "ser sujeito" na vida cotidiana, e a ampliar possibilidades de intervenção direcionadas para o horizonte da humanização, a partir da concepção de autonomia. Também apontam que a utilização de Paulo Freire pela Terapia Ocupacional muito provavelmente não se limita às publicações científicas, já que pode ocorrer no cotidiano de trabalho do terapeuta e não constar em publicação (GONTIJO; SANTIAGO, 2018).

A obra freireana contempla diversos conceitos importantes que dialogam entre si, por exemplo: autonomia, educação libertadora, sujeito, objeto, diálogo, práxis, humanização, inédito viável, oprimido, opressor, palavra, ser mais, situações-limites, entre outros.

Gontijo e Santiago (2018), assim como Cerrón (2018), destacaram em seus estudos, onde relacionaram a terapia ocupacional e a pedagogia freireana, o conceito de autonomia, devido a este estar presente em diversas definições da terapia ocupacional e também por ser um dos objetivos e do princípio ético da prática profissional.

Neste sentido, baseado em Freire defendemos que no contexto da Terapia Ocupacional, a autonomia enquanto realização de escolhas em relação às ocupações vai ao encontro da condição de sujeito em busca da sua humanização. Ser sujeito perpassa pelo envolvimento com as ocupações numa perspectiva histórica, e assim sendo que pode ser permanentemente transformado e não somente repetido de forma acrítica no cotidiano. Ser sujeito que se envolve em ocupações que constroem e se configuram nas relações das pessoas com outras pessoas no mundo, que por serem plurais podem resultar em diferentes tipos e formas de atividades no cotidiano. Ser

sujeito que realize ocupações que possibilitem aos homens e mulheres se reconhecerem enquanto capazes de ir mais além do que se faz, de aprender, de criar, de descobrir e vivenciar novas ocupações e novas maneiras de se realizar as mesmas atividades de forma que estas lhe sejam significativas. Ser sujeito para o qual o envolvimento com as ocupações se constitua como práxis, como processo permanente de realizar uma determinada atividade, refletir sobre esta e sobre si em atividade na relação com outros e com o mundo, e a ela voltar transformado para transformá-la. Ser sujeito, que sendo protagonista de sua própria história, a partir e nas suas ocupações, se perceba inserido verdadeiramente no cotidiano, de forma crítica, ativa e transformadora, e assim sendo se reconheça como dele construtor (GONTIJO; SANTIAGO, 2020, p.8).

O homem é sujeito político, fazedor de cultura e capaz de ações revolucionárias. Capaz de viver situações-limites e inéditos-viáveis. O homem enquanto sujeito cria e transforma o mundo de forma consciente das suas ações. Ele está integrado ao contexto. Sabe que não somente está no mundo, mas que é parte dele. Por outro lado, quando o homem não se reconhece como parte, não é capaz de alterar sua realidade e acaba por adaptar-se e acomodar-se a ela, sucumbindo aos desejos da elite e perdendo a si mesmo, deixa de ser sujeito e coisifica-se. A coisificação é a desumanização. O homem deixa de ser sujeito e passa a ser objeto.

Os homens fazem história através de sua humanidade e desumanidade. A relação sujeito-objeto não é de oposição ou exclusão. É uma relação não paralisante, pois o homem é um ser inacabado e em constante movimento. Esse movimento de vir a ser, essa busca do ser mais é o processo de libertação.

Freire chama atenção para o fato de que a libertação não é algo que se deposita ou se transfere para os homens, é um processo de humanização, é a práxis autêntica(FREIRE, 1987).

Práxis autêntica para Freire está relacionada ao conceito da dialética, onde não é possível separar reflexão e ação, pois reflexão sem ação é verbalismo (blábláblá) e ação sem reflexão é ativismo. Práxis é a ação e a reflexão sobre o mundo para então transformá-lo. Práxis é então, a palavra verdadeira (FREIRE, 1987).

A palavra verdadeira é transformação do mundo, é trabalho. Ela é direito de todos e não privilégio de alguns, pois é nela que os sujeitos se fazem. Essa pronúncia do mundo que acontece na interação entre os homens é o diálogo (FREIRE, 1987).

O diálogo não é possível com a transferência da pronúncia de mundo de um homem para outro ou ainda que um o diga pelo outro. No encontro entre os sujeitos, estes refletem e agem transformando o mundo. Essa criação, fruto do diálogo, consiste na humanização (FREIRE, 1987).

Os processos e práticas comunicativas fundamentam a terapia ocupacional e operam de diferentes formas. Assim, “falar em atividade é falar em processo e em mediação interpretativa entre nós e os fenômenos: agir, reagir, interagir e fazer são modos marcantes, concretos e materiais de dizer o mundo” (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p. 101).

Para Freire (1987) são requisitos para o diálogo: o amor, a humildade e a fé. O amor é o compromisso com os homens, com os oprimidos e com a libertação. A humildade é estar aberto, sem arrogância, à contribuição do outro, compreendendo que a superação dos limites se faz na comunhão dos homens. A fé, por sua vez, refere-se a acreditar no potencial criativo e transformador dos homens. Compreendemos então que para haver diálogo é preciso o pensamento crítico.

Dessa forma, a relação terapêutica também pode ser compreendida como uma relação dialógica, a qual demanda cuidados à saúde da pessoa em terapia inserida no processo de mudanças das práticas institucionais. Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento social e humano e o respeito mútuo entre terapeuta e pessoa em terapia, cada um com visões de mundo e da saúde geralmente diferenciadas. No caso das pessoas com deficiência, com relativa autonomia ou autonomia parcial este diálogo inclui a família e seu principal cuidador (CERRÓN, 2018, p.36).

Freire (1981) explicita a importância do trabalhador social deixar claro a sua posição. O trabalhador, juntamente com outros, atua na estrutura social. Dentro de um amplo domínio, o processo de mudança através de uma visão crítica permite a desmistificação da realidade distorcida compreendendo sua verdadeira posição dentro das estruturas sociais.

Na estrutura social, enquanto dialetização entre a infra e a supra estrutura, não há permanência da permanência nem mudança da mudança, mas o empenho de sua preservação em contradição com o esforço por sua transformação. Daí que não possa ser o trabalhador social, como educador que é, um um técnico friamente neutro. Silenciar sua opção, escondê-la no emaranhado de suas técnicas ou disfarçá-las com a proclamação de sua neutralidade não significa na verdade ser neutro mas, ao contrário, trabalhar pela preservação do "status quo" (FREIRE, 1981, s/n).

Freire (1987) denomina como concepção bancária de educação, aquela onde o saber é uma doação aos que ainda encontram-se ignorantes. Uma relação

verticalizada, hierárquica. Onde os educadores sabem tudo e os educandos não sabem nada. Assim, nessa concepção a educação refere-se ao ato de depositar/transferir conhecimentos e valores. A educação bancária é hegemônica, satisfazendo aos interesses da elite opressora. Ela anula o desvelamento do mundo, a criticidade e a transformação por parte dos educandos. Isso os leva a adaptarem-se à realidade posta e a submeterem-se aos dominadores.

Numa concepção humanizadora, o educador é revolucionário. Engaja-se para no sentido do pensar autêntico, da libertação e da humanização de si mesmo e dos educandos. Na concepção bancária, os homens são seres passivos que recebem o mundo e devem adaptar-se a eles. A educação bancária assistencializa (FREIRE, 1987).

Podemos realizar uma “substituição” de *educador* por *terapeuta ocupacional* e a reflexão caberá em nossa atuação. Num modelo positivista, onde os usuários de nossos serviços precisam se adequar para serem inseridos na sociedade, os terapeutas ocupacionais colocam-se numa posição de superioridade. São os detentores dos conhecimentos e das técnicas que serão aplicadas ao “paciente”, que é passivo. Este, deve apenas seguir o plano terapêutico.

Segundo Barros, Ghirardi e Lopes (2002), ao compreender que sua práxis está em um processo histórico e que nele a dimensão técnica e a política são inseparáveis, o terapeuta ocupacional compreende que as questões não se restringem a qual terapêutica ou programa individual seguir e sente-se confrontado.

Deste modo nos colocamos a refletir sobre nosso papel enquanto terapeutas ocupacionais. Estamos a contribuir com a humanização dos usuários de nossos serviços ou estamos a desumaniza-los quando utilizamos de nossos repertórios de saberes e técnicas para que eles se adequem ao sistema?

Não é possível um trabalhador neutro. Este, sempre deve deixar claro sua opção política através de sua prática, que também é política. Aquele que tem posicionamento reacionário, procurará mitificar a realidade. Suas ações e métodos tendem a ser de caráter assistencialista. Freire, destaca que um dos sinais do trabalhador reacionário são as inquietações diante da mudança e o medo de perder o seu *status* social (FREIRE, 1981).

Ainda nessa concepção, os oprimidos são tratados como casos individualizados de uma sociedade boa e justa. São marginalizados, denominados “assistidos” e devem ajustar-se a esta sociedade. (FREIRE, 1987).

No que se refere às pessoas com deficiência, passamos da marginalização à inclusão social. Nessa perspectiva a sociedade é responsável por todos os seus membros, cabendo a ela oferecer suporte e acolhimento. O foco não é mais no indivíduo, mas no coletivo. Cabe a sociedade ajustar-se. (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).

Para Silva e Kobori (2020) o embasamento educacional da pedagogia freireana antecede o movimento nacional de inclusão brasileira, por manifestar a “necessidade de considerar o aluno como ser integral, biopsicossocial, que adentra ao ambiente escolar com necessidades únicas e conhecimentos previamente adquiridos”.

A exclusão é um processo complexo, envolvendo diferentes expressões, e que não se trata de uma falha do sistema, mas de um produto de seu funcionamento (SAWAIA, 1999 apud ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).

Ainda sobre a educação bancária, além da correspondência que propusemos, quando falamos da educação inclusiva, também cabe a nós o trabalho por uma educação humanizadora.

Os aspectos relacionados a inclusão/exclusão são frutos de uma sociedade desigual e relacionam-se não só às políticas públicas, mas a toda subjetividade presente no cotidiano, como as situações de abandono, discriminações e injustiças, por exemplo (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).

O estudante pode estar frequentando a escola regular, porém não ser considerado como sujeito participante dos processos educacionais (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003).

Para Israel e Bertold (2012) no planejamento da intervenção educacional destacam-se a adequação a realidade da pessoa com deficiência e um novo olhar sobre sua condição funcional, a promoção da auto estima, a convivência familiar e comunitária e, área social com atividade ocupacional na perspectiva de trabalho, no lazer e cultura, na integração e no suporte econômico e previdenciário.

E, do nosso ponto de vista, fala-se também da necessidade de revermos as possíveis formas de intervenção nesse universo, criando novos modos, novos desenhos de ações, capazes de superar as proposta de conscientização e de convencimento, que visam comportamentos “corretos” em relação às pessoas com deficiências (ROCHA; LUIZ; ZULIAN, 2003, p. 74).

Segundo Matsukura e Cardoso (2012), no Brasil, desde a década de 1960 observa-se a atuação da terapia ocupacional em processos educacionais. Se, no início, muito vinculada a instituições de educação especial e aos processos de inclusão social de modo geral, a literatura nacional e internacional, demonstram movimentos de transformação na formação e atuação do terapeuta ocupacional no contexto da inclusão escolar, a partir da década de 1990.

O estudo de Matsukura e Cardoso (2012) relatou que, em sua pesquisa com terapeutas ocupacionais que atuavam nos contextos educacionais, a maioria realizava práticas relacionadas ao processo de inclusão escolar principalmente em ambientes clínicos e na escola regular. O ambiente clínico, nesse caso, refere-se a consultórios e instituições onde se realizam atividades para o desenvolvimento de habilidades, principalmente cognitivo-motoras, do aluno em processo de inclusão escolar.

Rocha et al. (2003) consideram que os serviços e profissionais de reabilitação emitem mensagens explícitas ou implícitas de que o objetivo final da reabilitação consiste na inclusão social e que a inclusão escolar é uma das etapas.

Matsukura e Cardoso (2012), atentam para o fato de que apesar da maioria dos terapeutas ocupacionais participantes da pesquisa terem relatado se relacionar com a inclusão escolar a partir dos atendimentos no ambiente clínico, as ações estão voltadas para a escola regular e também, muitas vezes, realizadas nela, apontando um movimento na direção de ampliar a relação com o cotidiano educacional.

Para Rocha, Luiz e Zulian (2003) a partir de um compromisso ético-político com o sofrimento do outro, a ação da terapia ocupacional na escola é a de facilitar o aparecimento das dificuldades, sentimentos e emoções. Proporcionando o desvelamento dos diversos sentidos que a deficiência e a inclusão podem ter para a comunidade escolar e a constituição de novos sentidos e significados através do diálogo. O objetivo da terapia ocupacional nesse contexto é o fortalecimento da potência de ação dos educadores e dos educandos. Ainda para as autoras, o uso de tecnologia assistiva, a facilitação nas atividades de vida diária e prática, a comunicação alternativa, as dinâmicas de grupos, as análises de atividades, entre outras, são exemplos de estratégias de intervenções da terapia ocupacional que possibilitam este diálogo.

O diálogo se desenvolve na horizontalidade. Se “a educação autêntica [...] não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B” (FREIRE, 1987). Podemos compreender que na terapia ocupacional, também devemos fazer “com” e não “para” ou “sobre”. O processo terapêutico ocupacional deve também se desenvolver na horizontalidade.

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com elas, mas a elas, *de cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*. O diferente não é o *outro* a merecer respeito, é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível. (FREIRE, 1996)

Os resultados do estudo de Cardoso e Matsukura (2012, p. 11) constataram uma transformação na relação dos terapeutas ocupacionais com a educação inclusiva, identificando o enfoque importante dos “profissionais na inclusão escolar de seus clientes e a própria atuação na escola regular”.

Após o exposto, destacamos que utilizaremos como referencial deste trabalho a categoria de práxis proposta por Paulo Freire a qual é denominada por práxis autêntica. Em síntese, para Freire, a práxis autêntica é práxis transformadora. É ação e reflexão, indissociáveis entre si, que leva o sujeito a refazer o seu agir após refletir sobre ele. Envolve o diálogo, a conscientização, a transformação da realidade, a humanização e busca do ser mais.

A transformação da realidade depende de uma conscientização, ou seja, uma consciência crítica acerca das contradições sociais. A conscientização de que somos seres inacabados em permanente processo de busca pela completude configura na busca do Ser mais. Esse desvelamento da realidade ocorre por meio do diálogo, onde o encontro entre os sujeitos para pronunciar o mundo permite refletir e agir transformando a realidade. Esse processo de busca do ser mais promove a humanização.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Buscando explorar como a pedagogia freireana dialoga e contribui para a práxis autêntica na terapêutica ocupacional relacionada à educação especial inclusiva, optamos por realizar uma pesquisa documental e técnicas do método de análise crítica do discurso. Esta é, portanto, uma pesquisa de caráter qualitativo.

A pesquisa qualitativa apresenta algumas características básicas, segundo Bogdan e Biklen (1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986), sendo entre elas o contato direto do pesquisador com a situação investigada, o fato dos dados coletados serem principalmente descritivos, tem-se uma maior preocupação com o processo do que com o produto e a análise dos dados pode seguir um processo indutivo.

A análise documental se constitui numa das técnicas para abordagem de dados qualitativos. Ela busca identificar informações específicas nos documentos conforme o interesse da pesquisa (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

O uso de documentos em pesquisas permite obter uma riqueza de informações uma vez que sua compreensão envolve o contexto histórico e sociocultural do objeto. O estudo de documento extrai a análise do material, organizando e interpretando de acordo com os objetivos da pesquisa (PIMENTEL, 2001 e SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009) o conceito de documento modificou-se ao longo dos anos e se antes aplicava-se somente a textos e arquivos oficiais, hoje contempla qualquer tipo de testemunho como objetos, filmes, fotografias, relatórios, anotações, entre outros.

Para trabalhar com documentos deve-se seguir algumas orientações. A localização do material é como um processo de garimpagem. Ao localizar os documentos de interesse é necessário verificar sua credibilidade e relevância. O contexto histórico no qual o documento foi produzido deve ser considerado. Elucidar a identidade do autor e verificar a procedência do texto contribui para maior credibilidade e para melhor interpretação do conteúdo. Considerar a natureza do texto, identificar os conceitos-chaves e a lógica interna do texto também é de grande importância (PIMENTEL, 2001, SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para a etapa de análise dos documentos, após a seleção e leitura preliminar, o pesquisador fornecerá uma interpretação coerente com os elementos obtidos e com a temática da pesquisa. A análise qualitativa do discurso “consiste em

relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou idéias em um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Como principais críticas a análise documental encontra-se o fato de que pode ocorrer do material escrito ser pouco representativo no que refere aos fenômenos e da técnica de pesquisa representa escolhas arbitrárias por parte do autor, enfatizando temas e aspectos de seu interesse (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Assim, numa primeira etapa buscamos encontrar os materiais necessários para a pesquisa. Para a realização desse trabalho optamos priorizar documentos específicos da terapia ocupacional que contenham características referentes à diretrizes, normativas, pareceres ou similares, para o trabalho na área da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. A pesquisa foi realizada nas plataformas digitais de organizações, associações e revistas de terapia ocupacional e em diversas bases de pesquisa como o Google Acadêmico, Lilacs e Scielo, no período de maio a julho de 2020.

Existiu uma dificuldade na pesquisa de documentos no que se refere principalmente às organizações e associações, pois várias não possuem plataformas próprias para a divulgação de informações e materiais.

Vale esclarecer que a proposta foi encontrar documentos relacionados ao contexto de atuação do terapeuta ocupacional brasileiro, ou seja, documentos que tenham “validade” de abrangência nacional, latinoamericana ou mundial. Dessa forma, apesar dos documentos da American Occupational Therapy Association⁵ - AOTA serem comumente consultados, não realizamos a busca em suas plataformas, em virtude de tratar-se de uma associação estadunidense.

Foram encontrados dois documentos dentro do proposto para essa pesquisa, sendo ambos denominados como Declarações de Posicionamento da World Federation of Occupational Therapist – WFOT⁶. Um deles, publicado em 2008, refere-se a "Educação Inclusiva em Terapia Ocupacional" (tradução nossa)⁷ e o outro, de 2016, é sobre "Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens" (tradução nossa)⁸.

⁵ Associação Americana de Terapia Ocupacional (Tradução nossa)

⁶ Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (Tradução nossa)

⁷ Inclusive Occupational Therapy Education

⁸ Occupational Therapy Services in School-Based Practice for Children and Youth

O primeiro documento aborda a inclusão para alunos dos cursos de terapia ocupacional e o segundo sobre a atuação do terapeuta ocupacional na inclusão de jovens e crianças na escola. Assim, selecionamos o documento denominado "Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens" para ser utilizado nesta pesquisa (ANEXO A).

Além deste documento, optamos também por utilizar o documento denominado "Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação" (ANEXO B, tradução nossa)⁹ de Pulgar e Tobar (2014). Inicialmente selecionado para compor o aporte teórico desta pesquisa e já citado algumas vezes em capítulos anteriores, o artigo se mostrou de grande relevância para a temática e optamos por incluí-lo em nossa análise documental.

Os documentos apresentam finalidades diferentes. A declaração da WFOT visa declarar um posicionamento diante dos serviços de terapia ocupacional na prática escolar de crianças e jovens. Já o manifesto latino-americano não é focado na questão da educação ou das práticas escolares, mas na importância dos profissionais, terapeutas ocupacionais, apresentarem uma postura mais crítica e coerente com o contexto no qual estão inseridos. Ainda sim, optamos por fazer a análise de ambos os documentos à luz da pedagogia freireana, buscando tecer relações críticas às ideologias demonstradas. Para isso, organizamos a apresentação dos resultados e a discussão da seguinte maneira: primeiramente apresentamos uma descrição da estrutura básica de cada documento, num segundo momento, inspirada no trabalho de Pimentel (2001), levantamos os principais conceitos presentes em cada material através da identificação de termos-chaves, e na sequência utilizamos recortes de citações de ambos os documentos para exemplificar e discutir sobre as ideias centrais de cada um tendo em vista a relação com o conceito freireano de práxis autêntica.

⁹ Manifiesto latinoamericano de terapia ocupacional y ocupación

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

A seguir realizaremos a análise e discussão dos documentos, apresentando inicialmente a descrição da estrutura básica de cada um. Na sequência demonstraremos os conceitos centrais identificados através das leituras e análises e verificaremos as possíveis relações com a categoria freireana de práxis autêntica contemplando o diálogo, a conscientização, a transformação da realidade, a humanização e a busca do ser mais.

5.1 Estrutura básica e conteúdo dos documentos intitulados "Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens" e "Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação"

No âmbito da terapia ocupacional existem diversas organizações e associações da categoria. Na esfera nacional temos o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO, Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - CREFITO, Associação Brasileira de Terapia Ocupacional - ABRATO, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa em Terapia Ocupacional - RENETO, Associação de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo - ATOESP, entre outras. A nível internacional destacamos a Confederación Latinoamericana de Terapeutas Ocupacionales - CLATO e a World Federation of Occupational Therapist - WFOT.

A WFOT foi fundada em 1952 na Suécia com 10 países membros inicialmente. Atualmente contempla membros individuais e organizações de diversos países e regiões. São cerca de 580 mil terapeutas ocupacionais membros, 101 organizações e 900 programas educacionais aprovados (WFOT, c2020).

O Brasil participa como membro associado da WFOT desde a década de 70 e desde 1994 como membro efetivo através da Associação Brasileira de Terapia Ocupacional - ABRATO (HAHN, 2002).

A WFOT retrata-se como sendo uma rede global de terapeutas ocupacionais com a finalidade de representar a profissão, estabelecer padrões internacionais para sua prática, promover a terapia ocupacional como arte e ciência demonstrando sua relevância e contribuição para melhorar a saúde e bem-estar do mundo, fomentar a

excelência por meio de pesquisa e educação e proporcionar o compartilhamento da diversidade entre seus membros (WFOT, c2020).

Os documentos da WFOT são disponibilizados em alguns idiomas diferentes. No caso do documento selecionado para esta pesquisa, o original encontra-se na língua inglesa, porém a própria federação o disponibiliza também nos idiomas árabe, alemão, espanhol e japonês. Optamos por utilizar a versão em espanhol devido à melhor compreensão deste idioma e foi realizada a livre tradução para o português no desenvolvimento do presente trabalho.

O título original do documento em inglês é "Position Statement, Occupational Therapy Services in School - Based Practice for Children and Youth" e na versão espanhola "Servicios de Terapia Ocupacional con Practicas Basadas en Escuelas para niños y Jovenes". Esta versão utilizada encontra-se devidamente anexada neste trabalho como anexo B.

Publicado originalmente em março de 2016 e com a tradução para o espanhol concluída em março de 2018, o documento tipificado como uma "declaração de posição" encontra-se na categoria referente ao desenvolvimento de práticas e pode ser baixado gratuitamente no site da WFOT.

A autoria do documento está em nome da World Federation of Occupational Therapists e não cita as pessoas que contribuíram para sua elaboração. Na versão em espanhol consta o nome das quatro responsáveis pela tradução do documento, sendo todas da América Latina (México, Argentina e Chile).

O referido documento consta de 13 páginas divididas em duas partes. A primeira refere-se a uma declaração de posicionamento da WFOT e a outra de um documento de suporte para tal declaração.

A declaração de posição contempla os seguintes tópicos: declaração introdutória do objetivo do trabalho, declaração da posição adotada, declaração da importância da posição ou questão na terapia ocupacional, declaração da importância da posição para a sociedade, fundamentos substanciais para a posição, desafios e estratégias (disseminação, educação e pesquisa), organizações membros, conclusão, indicação para consultar outro documento de referência para maiores informações, informações sobre a tradução e referências.

A partir da página 5 inicia-se a segunda parte descrita como um documento de suporte para o posicionamento realizado anteriormente. Esta parte contempla os seguintes tópicos: declaração introdutória do objetivo do trabalho, declaração da

posição adotada, declaração da importância da posição ou questão na terapia ocupacional, níveis do *continuum* de suporte (nível primário com foco no Universal Design for Learning - UDL, nível secundário com foco na diferenciação, nível terciário com foco na acomodação), declaração da importância da posição para a sociedade, fundamentos substanciais para a posição, desafios e estratégias (disseminação, educação e pesquisa), associações nacionais, conclusão, terminologia, informações sobre a tradução e referências.

O documento "Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação" é de autoria de Rolando Ramírez Pulgar e Marjorie Schliebener Tobar, ambos terapeutas ocupacionais e docentes em universidades do Chile e Uruguai, respectivamente.

Foi publicado na revista *TOG (A Coruña)* em maio de 2014 a qual consiste num veículo de divulgação científica de terapia ocupacional, editada pelo *Colegio de Terapeutas Ocupacionales de Galicia – COTOGA*. Trata-se de uma revista espanhola destinada a terapeutas ocupacionais, de publicação semestral, com acesso livre e gratuito (revista digital).

O editorial da revista a descreve, entre outras coisas, como sendo um “um ponto de encontro com outros profissionais da América Latina e de outros países” (TOG, 2020, tradução livre)¹⁰.

O documento apresenta-se em língua espanhola e neste trabalho foi utilizado a livre tradução para o português. É composto por 18 páginas contemplando os seguintes tópicos: introdução, resumo em língua vernácula, resumo em língua estrangeira (inglês), motores geradores do manifesto, contexto, inclusão e exclusão social, ocupação e práxis, terapia ocupacional e ciência, sobre a condição política da terapia ocupacional, fechamento, conclusão e bibliografia.

Como tema central deste documento podemos destacar o chamado dos autores para uma terapia ocupacional latino-americana crítica, pontuando a importância dos profissionais se posicionarem politicamente e para isso faz uma contextualização abordando conceitos fundamentais para a terapia ocupacional numa perspectiva local.

Entre seus referenciais encontram-se duas obras freireanas: *Pedagogia: Diálogo e Conflito* e *Pedagogia do Oprimido*.

¹⁰ (...) un punto de encuentro con otros y otras profesionales de América Latina y del resto de países.

5.2 Conceitos centrais, unidades de análise e considerações sobre os documentos

No quadro abaixo organizamos os conceitos centrais que se destacaram no decorrer do processo das leituras e análise dos documentos. A seleção desses conceitos foi definida em virtude da relevância demonstrada numa primeira seleção.

Na primeira coluna organizamos os conceitos centrais do documento intitulado "Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens". Aqui também transcrevemos os termos do item "terminologia" presente no próprio documento. Na coluna seguinte, consta os conceitos centrais do documento intitulado "Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação".

Quadro 1 – Relação dos conceitos centrais selecionados em cada um dos documentos

Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens (WFOT, 2018)	Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação (PULGAR; TOBAR, 2014)
<ul style="list-style-type: none"> ● Atividade ● O cliente e o sistema do cliente ● Colaborativo ● Educação ● Pesquisa ● Níveis de suporte ● Educação para todos ● Baseado na educação ● Relacionado com a educação ● Entorno ● Prática baseada na evidência ● Prática informada na evidência ● Inclusão ● Educação inclusiva ● Ocupação 	<ul style="list-style-type: none"> ● Identidade ● Latinoamericano ● Trabalhadores ● Terapeutas ocupacionais ● Sujeitos sociais ● Contexto ● Capitalismo ● Saber/conhecimento ● Inclusão e exclusão social ● Práxis ● Ocupação ● Ciência ● Objeto ● Ciência da ocupação

<ul style="list-style-type: none"> ● Desempenho ocupacional ● Participação ● Restrições de participação ● Escola ● Estudante ● Tarefa ● Bem-estar 	<ul style="list-style-type: none"> ● Condição política da terapia ocupacional ● Posição dos terapeutas ocupacionais ● Trabalho ● Diálogo ● Autonomia ● Transformação social
--	---

Fonte: PULGAR; TOBAR, 2014, WFOT, 2018.

Esse trabalho de identificação dos conceitos centrais auxilia na compreensão teórica dos materiais. Porém, como explicitado por Pimentel (2001) o grande número de itens requer uma sistematização para classificá-los e sintetizá-los em unidades de análise. Para isso consideramos, além da similaridade dos conceitos presentes em ambos os documentos, os aspectos de relevância conceitual para este trabalho em específico. Assim, para uma melhor análise dos documentos selecionamos algumas informações gerais e os seguintes conceitos centrais: ciência, ocupação, práxis, educação, educação para todos / educação inclusiva e inclusão.

No quadro abaixo (Quadro 2) constam: dados de publicação (autoria, ano, principal público destinatário, local de publicação), caracterização, objetivos, posicionamentos adotados, importância do posicionamento, modelo proposto e conclusão expressa no documento.

Quadro 2 – Quadro a partir da síntese realizada pela autora sobre a estruturação e características gerais dos documentos

	Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens (WFOT, 2018)	Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação (PULGAR; TOBAR, 2014)
Ano de publicação	2016	2014

<p>Autoria</p>	<p>Delegados da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais</p>	<p>Terapeutas ocupacionais e professores universitários latino-americanos</p>
<p>Local de publicação ou depósito</p>	<p>Site da WFOT</p>	<p>Revista <i>TOG</i> (Espanha)</p>
<p>Público-alvo</p>	<p>A todos os terapeutas ocupacionais e organizações membro</p>	<p>Terapeutas Ocupacionais da América Latina</p>
<p>Caracterização</p>	<p>Trata-se de uma declaração de posicionamento endossando a contribuição da terapia ocupacional na promoção da educação inclusiva</p>	<p>Trata-se de um manifesto que aborda o contexto latino-americano e expõe a importância de uma terapia ocupacional crítica</p>
<p>Objetivos</p>	<p>Destacar a contribuição da terapia ocupacional na promoção da educação inclusiva</p>	<p>Convida os terapeutas ocupacionais latino-americanos para uma reflexão crítica acerca de seus posicionamentos políticos</p>
<p>Posicionamentos adotados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A terapia ocupacional deve estar disponível para todas as pessoas que experimentam qualquer nível de privação ocupacional em sua vida cotidiana; 	<ul style="list-style-type: none"> • Situar-se como povo latino-americano considerando isso nas práticas cotidianas e nas elaborações acadêmicas; • Trabalhar por uma sociedade onde homens e mulheres tenham

	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar em prol da inclusão, participação e bem-estar; • Contribuir colaborativamente para a prática escolar. 	<p>autonomia e o diálogo social seja possível;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ter compromisso ético e político; • Posicionar-se abertamente diante das injustiças (opressão, exploração e dominação); • Realizar a práxis por uma ocupação libertadora.
<p>Importância do posicionamento adotado</p>	<p>O terapeuta ocupacional pode apoiar todos os níveis do sistema educacional através de seus modelos de intervenção apoiando e promovendo a participação e o bem estar dos alunos, bem como reduzindo as limitações e restrições de participação em todo o contexto escolar.</p>	<p>Considerando que não existe neutralidade cabe ao terapeuta ocupacional deixar clara sua posição.</p>
<p>Modelo proposto</p>	<p>Migração do modelo médico para o biopsicossocial</p>	<p>Crítico-reflexiva</p>
<p>Conclusão</p>	<p>Os terapeutas ocupacionais apoiarão a educação inclusiva fornecendo o apoio</p>	<p>Espera-se abrir a temática para discussão da comunidade de terapeutas ocupacionais</p>

	colaborativo necessário para permitir a ocupação e reduzir barreiras à participação de todos os alunos, em especial os com necessidades educacionais específicas.	latino-americanos para seguir construindo uma posição crítica em torno dos elementos que subsidiam nossas cotidianidades.
--	---	---

Fonte: PULGAR; TOBAR, 2014, WFOT, 2018.

A seguir, realizaremos um diálogo entre o conteúdo dos documentos utilizados nesta pesquisa, bem como algumas pequenas transcrições de trechos para exemplificar e discutir sobre as ideias centrais de cada um, tendo em vista se estão relacionados com o conceito freireano de práxis autêntica.

Iniciando com as justificativas para elaboração do devido documento, encontramos que a declaração da WFOT pretende destacar a contribuição da terapia ocupacional na promoção da educação inclusiva de crianças e jovens. Afirma que:

a educação inclusiva é um direito primordial e inegociável. Além disso, os terapeutas ocupacionais são preparados e qualificados para trabalhar em colaboração para permitir a participação de todos os alunos no ambiente escolar e de ocupação de sua escola como parte da justiça ocupacional (WFOT, 2018, p. 1, tradução nossa)¹¹.

A educação se constitui enquanto prática política uma vez que se dedica ao ato de conhecer, de construir conhecimento. Essa construção possui intencionalidades, ou seja, se conhece um objeto sempre se questionando em favor de que e contra que ele é. Assim, a educação não é neutra, mas sim um ato político.

A pesquisa de Athayde (2020) aponta para o fato de que ainda existe um baixo conhecimento sobre a atuação da terapia ocupacional no ambiente escolar pelos profissionais da rede de ensino. Este fator, somado com a falta de políticas públicas voltadas para esta questão e aspectos financeiros, como falta de

¹¹ La Federación Mundial de Terapeutas Ocupacionales (WFOT) cree que la educación inclusiva es un derecho supremo y no negociable. Además, los terapeutas ocupacionales están preparados y especializados para trabajar colaborativamente permitiendo la participación de todos los estudiantes en la ocupación y en los ambientes escolares de su elección como parte de la justicia ocupacional.

investimento e redução da folha salarial, foram as justificativas mais recorrentes sobre a baixa inserção dos terapeutas ocupacionais nas escolas regulares. Deste modo a justificativa para a elaboração do documento demonstra-se válida.

O foco exclusivo da terapia ocupacional, no valor da ocupação, cria a oportunidade de uma contribuição colaborativa para a prática escolar, e para trabalhar em prol da inclusão, participação e bem-estar. A terapia ocupacional deve estar disponível para todas as pessoas que experimentam qualquer nível de privação ocupacional em sua vida cotidiana (WFOT, 2018, p. 5, tradução nossa)¹².

Nesse trecho podemos destacar o conceito de criticidade para uma construção coletiva de práticas transformadoras. Colocar o conhecimento científico a serviço do outro.

No documento da WFOT, o tópico onde propõe justificar a importância da terapia ocupacional se posicionar acaba por enfatizar o uso de modelos de intervenção e da terapia centrada no cliente. A justificativa do posicionamento é realizada demonstrando a importância da atuação do terapeuta ocupacional nas práticas escolares.

O papel do terapeuta ocupacional é permitir, apoiar e promover a plena participação e o bem-estar dos estudantes, potencializando seus pontos fortes e buscando soluções, reduzindo ou eliminando limitações nas atividades de aprendizagem e restrições à participação. Para isso, os terapeutas ocupacionais fundamentam o raciocínio clínico por meio de práticas baseadas na ocupação e dos princípios da Classificação Internacional de Funcionalidade (WFOT, 2018, p.5, tradução nossa)¹³.

O documento destaca o uso da prática centrada na ocupação e no “cliente”. Isto significa uma abordagem onde a necessidade do “cliente” é considerada a partir de ocupações significativas para ele. Essa prática se propõe a diferenciar do modelo médico-positivista onde a atuação é baseada na doença ou deficiência e o objetivo é solucionar a incapacidade. O usuário do serviço de terapia ocupacional nessa abordagem é comumente denominado cliente.

¹² El enfoque único de terapia ocupacional, sobre el valor de la ocupación, crea la oportunidad para una contribución colaborativa hacia las prácticas basadas en escuelas, y para trabajar hacia la inclusión, participación y bienestar. La Terapia Ocupacional debe estar disponible para todas las personas que experimentan algún nivel de privación ocupacional en su vida diaria.

¹³ El rol de los terapeutas ocupacionales es permitir, apoyar y promover la completa participación y bienestar de los estudiantes potenciando sus fortalezas y buscando soluciones, reduciendo o eliminando limitaciones en las actividades de aprendizaje y restricciones en la participación. Para lograr esto, los terapeutas ocupacionales fundamentan el razonamiento clínico mediante las prácticas basadas en la ocupación y los principios de la Clasificación Internacional del Funcionamiento.

Apesar do documento evidenciar essa transição do modelo médico para o biopsicossocial, podemos notar ainda o foco centralizador no sujeito. Um trecho onde podemos observar este fato com clareza, por exemplo, é um parágrafo iniciado pela frase: “Quando um aluno ainda é incapaz de atender às demandas gerais de aprendizado e currículo” (WFOT, 2018, tradução nossa)¹⁴. Dentro da perspectiva crítica da terapia ocupacional e da pedagogia freireana compreendemos que não é o aluno que deve atender as demandas de aprendizado e currículo, mas ao contrário, o currículo deve contemplar as demandas do aluno.

A intencionalidade política perpassa todo o sistema formal de ensino. É fruto de um sistema sócio-histórico, que envolve desde a seleção dos conteúdos, por exemplo, formando alunos passivos e reprodutivistas. Isso não se dá de maneira ingênua, mas tem o objetivo de manter a reprodução da sociedade hegemônica. A escola acaba por exercer um papel desumanizador, não tendo compromisso com a formação emancipadora do sujeito.

Apesar de explicitar a educação inclusiva como um direito primordial e inegociável, bem como o apoio aos direitos humanos, o documento da WFOT justifica que os custos da terapia ocupacional serão compensados pela maior produtividade do aluno.

Estudos que investigam o efeito socioeconômico da Terapia Ocupacional mostram a efetividade e os benefícios socioeconômicos dos métodos usados baseados na ocupação. Os custos da terapia ocupacional escolar podem ser facilmente compensados pela maior produtividade da criança/jovem, imediatamente e no futuro (WFOT, 2018, p. 7, tradução nossa)¹⁵.

Esse trecho faz uma alusão direta ao sistema capitalista vigente onde tudo deve gerar lucro, inclusive a educação. O gasto financeiro com o provimento dos serviços de terapia ocupacional para o estudante que venha a ter necessidade é justificado com uma compensação diante de uma maior produtividade deste indivíduo.

¹⁴ Cuando un estudiante todavía no logra cumplir con las demandas generales de aprendizaje y plan de estudios (...).

¹⁵ Estudios que investigan el efecto socio-económico de la Terapia Ocupacional muestran la efectividad y los beneficios socio-económicos de los métodos usados basados en la ocupación. Los costos de la terapia ocupacional en las escuelas pueden ser fácilmente compensados por la mayor productividad del niño/joven, tanto de forma inmediata como en el futuro (WFOT, 2016).

De uma organização mundial espera-se documentos norteadores para a profissão. A declaração de posicionamento demonstra-se importante a medida que reafirma o papel de atuação dos terapeutas ocupacionais na colaboração para a inclusão escolar. Outro ponto importante do documento é o reconhecimento da necessidade de superação do modelo médico-curativo, ainda que não contemple a perspectiva crítica que vem sendo desenvolvida na terapia ocupacional.

Outro ponto a ser considerado é o fato do documento da WFOT referir-se a atuação da terapia ocupacional na promoção da educação inclusiva para crianças e jovens, ao passo que, no contexto latinoamericano ainda temos um grande número de adultos não alfabetizados e a Educação de Jovens e Adultos é pauta essencial. Compreendemos que a terapia ocupacional deve contemplar também estes estudantes. No contexto do documento a educação de adultos é citada sempre que acompanhada dos pareceres da ONU.

Em relação ao “Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação”, de Pulgar e Tobar (2014), constatamos que o mesmo traz grandes contribuições ao abordar a necessidade de refletir uma terapia ocupacional do sul que questione a naturalização da reprodução das ideologias dominantes.

Esta declaração, é provocação e abertura de oportunidades para os que estão "fora", é um grito que busca sua multiplicação em ecos de diferentes sotaques do sul, é uma justificativa de porque devemos lutar, para que chegue o dia em que nós, Terapeutas Ocupacionais, já não seremos necessários (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 4, tradução nossa).¹⁶

Logo no início do texto os autores referem que diante das injustiças vivenciadas por nosso povo, por nossos usuários e por nós mesmos enquanto trabalhadores, precisamos expressar nossas posições publicamente passando de uma posição passiva para uma posição ativa. Onde mais do que facilitar o processo adaptativo das pessoas, sejamos questionadores e transformadores desse sistema elitista e excludente que vivenciamos.

Os opressores são aqueles que atuam sobre os homens para adaptá-los cada vez mais a realidade que está posta. Exercem força para doutrinar e dominar. Assim, podemos observar no documento a cobrança de posicionamento:

¹⁶ Esta declaración, es provocación y apertura de oportunidades para los y las que están “fuera”, es un grito que busca su multiplicación en ecos de diferentes acentos del sur, es una justificación de por qué debemos luchar, para que llegue el día en que nosotros y nosotras, Terapeutas Ocupacionales, ya no seamos necesarios y necesarias.

É hora de nos manifestarmos. É hora de expressar publicamente nossas intenções, nossas posições. De saber que fazemos parte de um lugar, de uma história comum e de um presente de ação, de um futuro possível. De tirar o manto do cinismo e do ascetismo cientificista imobilizador e de tomar posição em relação à nossa realidade, nossas necessidades, nossas expectativas e nosso futuro. As injustiças que vivem nosso povo, nossos usuários e nós mesmos como trabalhadores e como povo latino-americano, não é neutra, eterna nem conjuntural. Por tanto, nossa posição tampouco deveria ser (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 1, tradução nossa).¹⁷

Podemos perceber a relação entre Freire e o Manifesto Latino-americano, visto que ambos cobram um posicionamento político claro dos profissionais. Para ambos, a visão crítica de sociedade permite ao profissional compreender melhor seu papel e atuar de modo coerente ao seu posicionamento político. A prática da terapia ocupacional exige uma posição, pois a neutralidade se configura na reprodução da ideologia dominante.

(...) percebemos que nosso trabalho se deparou com inúmeros obstáculos que, como sujeitos individuais, eram impossíveis de mudar, e descobrimos que se nossa prática não contribuísse na promoção da geração de agentes de mudança, sob a proposta de uma adaptação ativa, continuamos a reproduzir aquele sistema de relações sociais que gerou exclusão e marginalização (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 4, tradução nossa).¹⁸

Nesse trecho, novamente podemos observar a relação com a práxis autêntica, visto que o discurso da acomodação e do silêncio é o discurso que nega a humanização. Essa adaptação às situações de desumanização são consequência da dominação e somente são aceitáveis quando utilizadas como estratégia na luta política. De maneira a fingir que aceita ser silenciado para lutar quando puder (FREIRE, 1996). De outro modo, observamos que sua consequência é a desumanização, como também podemos observar no seguinte trecho do manifesto:

Essa lógica social da ideologização esconde o pano de fundo e traz consigo consequências sociais de alto impacto, conhecidas entre outras formas como: exclusão social, pobreza, marginalização, exploração, deficiência,

¹⁷ Es hora de manifestarnos. Es hora de expresar públicamente nuestras intenciones, nuestras posiciones. De sabernos parte de un lugar, de una historia común y de un presente de acción, de un futuro posible. De sacarnos el manto de cinismo y de ascetismo cientificista inmovilizador y de tomar posición respecto de nuestra realidad, nuestras necesidades, nuestras expectativas y nuestro futuro. Las injusticias que viven nuestros pueblos, nuestros usuarios y nosotros mismos como trabajadores y como pueblo latinoamericano, no es neutra, eterna ni coyuntural. Por lo tanto nuestra posición tampoco lo debería ser.

¹⁸ (...) advertimos que nuestro trabajo se encontraba con numerosos obstáculos que, como sujetos individuales, eran imposibles de cambiar, y descubrimos que si nuestra práctica no aportaba en el potenciar la generación de agentes de cambio, bajo la propuesta de una adaptación activa, pues seguíamos reproduciendo aquel sistema de relaciones sociales que generaba exclusión y marginación.

estresse, famílias disfuncionais, drogadição, alcoolismo, discriminação, violência, reclusão, entre outros, que se apresentam como fragmentadores sociais, impossibilitando ou dificultando o desenvolvimento de experiências coletivas favoráveis em nível local e mais amplo, nas áreas de autogestão, organização e empoderamento da população (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 7, tradução nossa).¹⁹

Para Freire (1986), a resistência, a compreensão do futuro como problema e a vocação para o ser mais devem ser motores para a rebeldia e não para a resignação. Também destacamos o seguinte recorte do manifesto referindo-se aos propósitos do terapeuta ocupacional crítico:

(...)Transitar de uma posição passiva a uma ativa, transitar da função de facilitadores de adaptação de pessoas a questionadores desse sistema elitista excludente, transitar de uma terapia ocupacional reprodutora a uma transformadora, do sul, de nossas realidades, de um horizonte coletivo (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 2, tradução nossa).²⁰

Novamente podemos observar a presença da práxis autêntica. Não há humanização na opressão, assim como não há desumanização na verdadeira libertação. A libertação se dá na práxis dos homens com a consciência crítica da relação consciência-mundo (FREIRE, 1981). Assim, dialogando com Pulgar e Tobar (2014):

Entendemos a ocupação como histórica, como práxis humana em constante transformação, que ao mesmo tempo está transformando o homem como sociedade. A ocupação como potencial humano está mudando por meio de tensões e lutas sociais, mudanças de paradigma e o desenvolvimento das forças produtivas. As posições triunfantes na hegemonia histórica e social de certos setores estão determinando ou impondo quais são as ocupações válidas para cada tipo de sociedade e quais os sujeitos válidos para desempenhá-las (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 8, tradução nossa).²¹

¹⁹ Esta lógica social de ideologización oculta el trasfondo y acarrea consigo secuelas sociales de alto impacto, conocidas entre otras formas como: exclusión social, pobreza, marginalidad, explotación, discapacidad, stress, familias disfuncionales, drogadicción, alcoholismo, discriminación, violencia, reclusión, entre otras, que se presentan como fragmentadores sociales, imposibilitando o dificultando el desarrollo de experiencias colectivas favorables a nivel local y de más amplio nivel, en temáticas de autogestión, organización y empoderamiento de la población.

²⁰ (...) Transitar desde una posición pasiva a una activa, transitar desde el rol de facilitadores de adaptación de personas a cuestionadores de este sistema elitista y excluyente, transitar desde una terapia ocupacional reprodutora a una transformadora, desde el sur, desde nuestras realidades, desde un horizonte colectivo.

²¹ Comprendemos a la ocupación como histórica, como praxis humana en constante transformación, que a la vez va transformando a los humanos como sociedad. La ocupación como potencial humano va mutando a través de las tensiones y luchas sociales, los cambios de paradigmas, el desarrollo de las fuerzas productivas. Las posturas triunfantes en la hegemonía histórica y social de ciertos sectores van determinando o imponiendo cuáles son las ocupaciones válidas para cada tipo de sociedad y cuales sujetos son válidos para desempeñarlas (PULGAR; TOBAR, 2014).

Também podemos relacionar esse trecho com a afirmação de Freire (1981) em que “para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho”. No manifesto encontramos ainda que:

Cumprir as expectativas ocupacionais de uma determinada sociedade é posicionar as pessoas que as realizam como sujeitos pertencentes a ela. Ao contrário, os "inaptos" ou "desqualificados" estão aumentando a lista dos marginalizados e excluídos (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 8, tradução nossa).²²

Os indivíduos que destoam da sociedade, considerada boa e justa, são os marginalizados. Estes, tratados como assistidos que necessitam de ações paternalistas, são considerados exceções que precisam ser corrigidas dentro da sociedade. Como se os marginalizados estivessem fora da sociedade e precisam ajustar-se para serem integrados a ela. A verdade é que os marginalizados na verdade são oprimidos e não estão fora ou à margem da sociedade, mas são integrantes dessa estrutura social opressora onde são objetificados por conveniência aos interesses da elite (FREIRE, 1981).

Outro destaque importante do manifesto é referente a conscientização da identidade do terapeuta ocupacional:

Alcançamos as populações vulneráveis para oferecer apoio e percebemos que éramos mais um deles (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 3, tradução nossa).²³

Aqui também é possível observar a relação com a práxis autêntica, visto que enquanto profissionais não estamos a par do mundo, mas o integramos. Também somos povo, trabalhadores, oprimidos e por vezes opressores.

Segundo Freire (1981) a consciência crítica se constitui através da ação e reflexão (práxis) e não somente com o trabalho intelectual. Essa dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual não permite a criticidade. O pensar crítico é um

²² El cumplir las expectativas ocupacionales de determinada sociedad va posicionando a las personas que las desempeñan como sujetos pertenecientes a ésta. Al contrario, los no “aptos” o “capacitados” van engrosando la lista de los marginados y excluídos (PULGAR; TOBAR, 2014).

²³ Nos acercamos a poblaciones vulnerables para ofrecer apoyo, y nos dimos cuenta que éramos uno más de ellos (PULGAR; TOBAR, 2014).

exercício que contribui para dissuadir mitos impostos pela sociedade vigente. No campo da terapia ocupacional o manifesto relata que:

Em primeiro lugar, é um desafio para a comunidade de Terapeutas Ocupacionais identificar e discutir nossas bases ontológicas e epistemológicas, nos observar em nossa prática diária e identificar de onde nos posicionamos para estar e nos tornarmos Terapeutas Ocupacionais, para finalmente nos perguntarmos se nossa tarefa é reprodutiva ou transformadora (PULGAR; TOBAR, 2014, p. 12, tradução nossa).²⁴

Sendo a rebeldia ponto de partida, esta precisa ser elevada a uma postura revolucionária. A rebeldia é a denúncia que precisa se desenvolver para um modo mais radical e crítico, e evoluir para uma posição revolucionária de anúncio (FREIRE, 1996).

Denúncia e anúncio referem-se ao processo pelo qual se denuncia as situações de exploração e desumanização, colocando-as em foco de reflexão, compreendendo e se apropriando de suas contradições, e se anuncia, ou seja, se constrói mediante a reflexão, novas formas de ser dessas situações com o objetivo de transformá-las.

O diálogo é a relação horizontal de encontro entre as pessoas com o objetivo comum de pensar e saber agir, é uma prática que requer abertura ao outro, respeito, fé (no sentido de acreditar que é possível criar e recriar), humildade, amor, confiança (enquanto testemunho do outro), esperança e um pensar verdadeiro.

Sobre este documento ainda cabe uma observação referente ao local de publicação do mesmo, que consiste numa revista de terapia ocupacional espanhola. Podemos interpretar como um enfrentamento aos colonizadores ou como uma oportunidade para que estes reflitam sobre seus posicionamentos e práticas.

5.3 Síntese comparativa

A partir das unidades de análises, citadas anteriormente, elaboramos uma síntese comparando os dois documentos. No quadro a seguir constam as unidades referentes aos conceitos centrais. São elas: ciência, ocupação, práxis, educação, educação para todos / educação inclusiva e inclusão. Quando não foi possível

²⁴ En primer lugar, este es un desafío para la comunidad de Terapeutas Ocupacionales a identificar y discutir nuestras bases ontológicas y epistemológicas, a observarnos en nuestra práctica diaria e identificar desde dónde nos situamos para ser y hacer-nos Terapeutas Ocupacionales, preguntarnos finalmente si nuestra tarea es reproductora o transformadora (PULGAR; TOBAR, 2014).

identificar a informação de maneira explícita no documento, no espaço referente encontra-se a devida informação.

Quadro 3 – Síntese das análises realizadas

	Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens (WFOT, 2018)	Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação (PULGAR; TOBAR, 2014)
Ciência	Não consta de forma explícita.	Histórica e carregada de ideologia
Ocupação	Grupos de tarefas e atividades funcionais e autodirigidas em que uma pessoa se compromete ao longo da vida	Práxis humana em constante transformação. Potencial humano que muda através dos acontecimentos sócio-históricos. A sociedade hegemônica impõe as ocupações válidas para cada sociedade e quais os sujeitos estão aptos a desempenhá-las.
Práxis	Não consta de forma explícita.	Constitui o ser humano. Ação consciente e sensível. Produtora da vida material e social. Pode produzir, reproduzir e transformar. Expressão da vida = essência = ocupação.

Educação	Refere-se às pessoas conseguirem aprender o que precisam e desejam ao longo das suas vidas, de acordo com seu potencial.	Não consta de forma explícita.
Educação para todos/ Educação Inclusiva	Universalidade do acesso à educação e equidade para todas as pessoas	Não consta de forma explícita.
Inclusão	Processo para abordar e responder a diversidade de necessidades de todas as pessoas através do aumento da participação em aprendizados, culturas e comunidades e reduzir e eliminar a exclusão	Conscientização dos excluídos sobre qual é o seu papel (esperado e determinado pela sociedade, adaptação aos critérios estabelecidos para desempenhar de maneira ilusoriamente satisfatória as ocupações que lhe foram permitidas e reproduzir o sistema social atual.

Fonte: PULGAR; TOBAR, 2014, WFOT, 2018.

Na declaração de posicionamento “Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens” (WFOT, 2018) pudemos observar: a preocupação em deixar claro a consonância com a Organização das Nações Unidas ao que se refere aos direitos humanos e de educação, a confirmação da qualificação do terapeuta ocupacional para atuar em prol da educação inclusiva, a exposição de abordagens e métodos para serem usados nesse contexto de atuação. Também observamos o terapeuta ocupacional colocado como um profissional que contribui para a inclusão escolar de modo colaborativo, indicando um patamar de horizontalidade com outros atores.

Neste documento, porém, não observamos a colocação do papel do terapeuta ocupacional em repensar os papéis ocupacionais relacionados ao contexto escolar, assim como também não observamos a análise crítica do sistema escolar a colaborar para o (re)pensar de uma escola inclusiva.

No “Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação”, de Pulgar e Tobar (2014), constatamos a cobrança por uma terapia ocupacional crítica, um posicionamento político claro dos profissionais, uma atuação profissional ética, a superação do modelo positivista, a decolonização, o compromisso com a humanização, com transformação social e a busca do Ser mais. No entanto, esse documento não aborda especificamente a inclusão escolar.

Concluimos a partir da possibilidade de identificar nos documentos utilizados a presença do diálogo, da conscientização, da transformação da realidade, da humanização, da atuação do terapeuta ocupacional como ato político e busca do Ser mais, como requisitos para a práxis autêntica, que o Manifesto Latino-americano de Terapia Ocupacional e Ocupação relaciona-se diretamente ao conceito analisado. Tanto a pedagogia freireana quanto a terapia ocupacional do sul enfatizam a importância do profissional se posicionar politicamente e deixar clara essa posição. Já a Declaração de Posicionamento, apesar de identificar consonância com a pedagogia freireana em alguns trechos quando analisados isoladamente, em seu conteúdo geral demonstra uma concepção mais hegemônica.

Nesse sentido percebe-se uma coerência maior do documento latino-americano em relação ao documento da federação mundial em relação aos objetivos propostos por eles.

Podemos compreender que a pedagogia freireana dialoga com a terapia ocupacional, auxiliando para uma reflexão crítica da atuação profissional e corroborando para a sua práxis autêntica.

Faz-se necessário a ampliação do desenvolvimento da terapia ocupacional na perspectiva crítica no campo da educação inclusiva visando refletir sobre nossa atuação de modo a manifestar nosso posicionamento político e não corroborar com uma atuação desumanizadora, onde o foco é “ajustar” os estudantes para se enquadrarem nos papéis ocupacionais delimitados pela sociedade neoliberal, mas repensar esses papéis a partir do contexto de nossos territórios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse trabalho se deu num momento histórico onde o mundo enfrenta a pandemia do novo coronavírus. No Brasil, além das dificuldades sociais e das crises no sistema de saúde, nossa democracia encontra-se sob ameaça. Temos acompanhado por diversas mídias que o atual presidente, Jair Bolsonaro, não tem cumprido com as recomendações, em relação a prevenção e tratamento da COVID-19, da Organização Mundial de Saúde e por vezes do próprio Ministério da Saúde. Em meio a uma das maiores crises de saúde e por consequência uma crise social e econômica, muitos escândalos, ameaças e trocas de ministros.

O governo Bolsonaro fomenta constantes ataques ao conhecimento científico, políticas de desmontes das universidades públicas, depreciação das ciências sociais e humanas, propostas políticas de retrocessos para a educação inclusiva, ofensas a mulheres, negros, LGBTQIA+, indígenas, entre outros. Transformou a oposição política em um inimigo a ser combatido e apesar de seu *slogan* cristão e patriota, curva-se aos interesses estadunidenses em detrimento do nosso país e estimula a violência explicitamente. Neste momento em que escrevo, nossas florestas estão queimando, nossos povos indígenas estão sendo cada vez mais atacados, nosso povo está morrendo e nosso presidente debocha!

Assim como no Brasil, nossos vizinhos também têm passado por diversas crises de saúde pública, políticas, econômicas, sociais, entre outras. A opressão e a luta continuam características marcantes na América Latina. Nossos posicionamentos políticos e o compromisso ético com o nosso povo se fazem urgentes!

Quando falamos em América Latina estamos falando de países muito diversos, mas que possuem uma homogeneidade à medida que contemplam sujeitos colonizados. Formam uma maioria que se configura politicamente como minoria. Por isso, faz-se necessário conhecer, estudar, valorizar e divulgar autores, artistas e profissionais que falam, através das mais diferentes linguagens, com propriedade desse local, como sujeitos contadores e fazedores de sua história e não somente como replicadores de uma cultura colonizadora. Assim, deixamos contar a nossa história somente do olhar dos colonizadores e passamos a ter um repertório crítico, vivendo e valorizando nossa diversidade.

Na terapia ocupacional não é diferente. Ao nos apropriarmos de nossos intelectuais, autores, profissionais, técnicas, entre outros, deixamos de ser meros

replicadores, para realizar uma terapia ocupacional crítica que considera nossa história, nossa cultura, nossa diversidade, nossa população, nossos profissionais, nossos usuários e nosso contexto. Desta maneira, a pedagogia freireana demonstra-se muito enriquecedora para práxis terapêutica ocupacional, principalmente ao que diz respeito a "Terapia Ocupacional do sul".

Para apropriar-se do conhecimento freireano, no entanto, os terapeutas ocupacionais não devem fazer o uso descontextualizado de seus conceitos, tão pouco devem fazer uma leitura romântica e superficial, desvalorizando a radicalidade que a obra propõe. É preciso estudá-la com criticidade. Podemos compreender então, que a pedagogia freireana dialoga com a terapia ocupacional, auxiliando para uma reflexão crítica da atuação profissional.

Faz-se necessário destacar dois pontos importantes. O primeiro refere-se ao terapeuta ocupacional no âmbito pessoal. Como parte dessa sociedade opressora, com suas humanidades e desumanidades, em busca do seu ser mais. O outro refere-se à relação profissional, seja com os pares, os indivíduos em terapia ou equipe de trabalho. Pode o terapeuta ocupacional exercer suas funções de modo a promover a humanização ou a desumanização. Essas relações não se separam, ao contrário, são indissociáveis. Enquanto terapeutas ocupacionais é necessário compreender essa dualidade, pois não é possível humanizar-se desumanizando nossos atendidos, assim como não é possível contribuir com o Vir a Ser de nossos atendidos sem estarmos nessa busca pessoal da humanização.

No que diz respeito a atuação da terapia ocupacional na educação inclusiva cabe o mesmo questionamento: Estamos nos propondo a ser terapeutas ocupacionais revolucionários ou estamos servindo ao sistema hegemônico?

A pedagogia freireana vem a contribuir para nossa práxis autêntica. Cabe a nós terapeutas ocupacionais contribuir para além do direito de frequentar a escola e participar das atividades, onde os educandos consigam de fato pronunciar o mundo. Para que não sejamos convenientes com a concepção bancária de educação. Trabalhar pela inclusão escolar não é auxiliar para que o aluno se adapte a escola e as atividades, mas para que o sistema deixe de ser excludente. Para que a escola considere e valorize a pluralidade. Para que a educação seja, de fato, para todos.

Precisamos continuar nos apropriando de nossos referenciais teóricos para exercer uma terapia ocupacional humanizadora e superar o modelo positivista. Precisamos fomentar a Terapia Ocupacional libertadora e decolonial. Isso não

significa descartar as referências europeias e colonizadoras, mas de realizar uma revisão crítica acerca dessas referências, sobre seus limites e possibilidades, recriando-as a partir das necessidades da América Latina e também fomentando e valorizando nossas próprias referências.

Pensar uma terapia ocupacional crítica é pensar o papel de quem concebe a ocupação como eixo central de sua atuação e que através da compreensão que se faz dela pauta suas práticas.

A terapia ocupacional possui diversas áreas de atuação, porém foi possível notar durante este trabalho que a busca por uma perspectiva crítica e decolonial está muito mais a florada no campo da terapia ocupacional social. Na área da educação, por exemplo, foi muito difícil encontrar referências.

Outro ponto importante a ser considerado é a importância dos terapeutas ocupacionais do sul produzirem seus próprios documentos norteadores baseados em nossa realidade sócio histórica, bem como o de sistematizar suas produções de modo a propiciar a melhor divulgação e as buscas por eles.

A realização desta pesquisa tem proporcionado um interesse crescente pela pedagogia freireana, decolonialidade, América Latina, Terapia Ocupacional do sul e ocupação. Muitos diálogos sobre essas temáticas são possíveis e pretendo prosseguir os estudos nessas áreas, assim como buscar um constante aprimoramento na prática de atuação, tanto na terapia ocupacional quanto na pedagogia, reafirmando o meu compromisso com a práxis autêntica.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T.; STRECK, D. R. América Latina. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. *E-book*.

ALMEIDA, M. V. M. Arte, Loucura e Sociedade: Ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 87-100, 1996. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/298>. Acesso em: 6 dez. 2020.

ATHAYDE, E. A. R. **Terapia Ocupacional no Contexto Escolar**: conhecimentos de profissionais inseridos nas escolas públicas. Monografia (Graduação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17629>. Acesso em: 26 nov. 2020.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v13i3p95-103. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903>. Acesso em: 23 mar. 2020.

BIANCHI, P. C.; MALFITANO, A. P. S. Formação graduada em Terapia Ocupacional na América Latina: mapeando quem somos e onde estamos. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 135-146, 2017. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v28i2p135-146. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/120273>. Acesso em: 16 fev. 2020.

BITTENCOURT, A. M. F. S.; SILVEIRA, L. S. A.; SABIA, J. B. Inclusão escolar: o papel da Terapia Ocupacional em crianças com Síndrome de Down. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S. l.], jan. 2011. DOI:10.9789/2175-5361.2010.v0i0.p./ISSN 2175-5361. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1183>. Acesso em: 7 fev. 2020.

BORGES, M. C.; DALBERIO, O. Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 43, n. 5, p. 1-10, 25 jul. 2007. DOI: 10.35362/rie4352299. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2299>. Acesso em: 5 dez. 2020.

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 3, n. 5, p. 7-25, 1999a.

CARDOSO, P. T.; MATSUKURA, T. S. Práticas e perspectivas da terapia ocupacional na inclusão escolar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 7-15, 2012. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v23i1p7-15. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/46905>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, A. I. B. Atividades humanas e Terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (Org.). **Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2001. p. 41-59.

CAVALCANTE, G. M. M.; TAVARES, M. M. F.; BEZERRA, W. C. Terapia ocupacional e capitalismo: articulação histórica e conexões para a compreensão da profissão. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 29-33, 2008. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v19i1p29-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14025>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CERRON, M. M. **O desenvolvimento da autonomia em adolescentes com síndrome de Down a partir da pedagogia de Paulo Freire**. Dissertação (mestrado em Educação e Saúde). Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. DOI: 10.11606/D.5.2018.tde-02082018-124645. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5169/tde-02082018-124645/en.php>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL – COFFITO. Resolução nº 425, de 08 de julho de 2013. Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional. **Diário Oficial da União**: Poder Executivo, seção I, Brasília, n. 147, 1 ago. 2013.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL–COFFITO. Resolução nº 445, de 26 de abril de 2014. Altera a Resolução-COFFITO nº 418/2011, que fixa e estabelece os Parâmetros Assistenciais Terapêuticos Ocupacionais nas diversas modalidades prestadas pelo Terapeuta Ocupacional. **Diário Oficial da União**: Poder Executivo, seção I, Brasília, n. 203, p. 128-132, 21 out. 2014.

CÓRDOBA, A. G.; GALHEIGO, S. M. Reflexiones críticas acerca de los derechos humanos: Contribuciones desde la terapia ocupacional Latinoamericana. **World Federation of Occupational Therapists Bulletin**. v. 71, p. 73-80, 2015. DOI: 10.1179/1447382815Z.00000000023. Disponível em: https://www.academia.edu/31393081/Reflexiones_cr%C3%ADticas_acerca_de_los_derechos_humanos_Contribuciones_desde_la_terapia_ocupacional_Latinoamericana. Acesso em: 04 abr. 2020.

CORTELLA, M. S. Paulo Freire: um pensamento clássico e atual. **Revista e-Curriculum** [online], v. 7, n. 3, 14 p., nov. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/7590>. Acesso em: 25 nov. 2020.

DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. Caminhos da Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (Orgs.). **Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus Editora, 2001. p. 19-40.

DEFINIÇÕES DE TERAPIA OCUPACIONAL. Tradução BARIDOTI, E. A. et al. Faculdades Salesianas de Lins. World Federation of Occupational Therapy. Associação Brasileira de Terapia Ocupacional. Centro de Estudos de Terapia Ocupacional - CETO, 2003.

DRUMMOND, A. F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Ed.). **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 10-17.

FAUNDEZ, A. Paulo Freire e sua influência na América Latina e na África. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 12, n. 36, p. 593-611, jul. 2012. DOI: 10.7213/dialogo.educ.6102/ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4663>. Acesso em: 17 mar. 2020.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Paz e Terra, 2018. E-book.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso: América Latina e Educação Popular**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. DOI: 10.4322/cto.2014.023. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/979>. Acesso em: 16 fev. 2020.

GALHEIGO, S.; SIMÓ, S. Maestras de la terapia ocupacional. Sandra Galheigo: la poderosa emergencia de la terapia ocupacional social. **Revista TOG**, Galícia, v. 9, n. 15, p. 1-41, 2012. Disponível em: <http://www.revistatog.com/maestros.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2020.

GONTIJO, D. T.; SANTIAGO, M. E.. Terapia Ocupacional e Pedagogia Paulo Freire: configurações do encontro na produção científica nacional. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, p. 132-148, abr. 2018. ISSN 1982-9949. DOI:10.17058/rea.v26i1.11667. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/11667>. Acesso em: 28 maio 2020.

GONTIJO, D. T.; SANTIAGO, M. E. Autonomia e terapia ocupacional: reflexões à luz do referencial de Paulo Freire. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro**, v. 4, n. 1, p. 2-18, 2020. DOI:10.47222/2526-3544.rbto31474. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/31474>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GUAJARDO C., A. Una terapia ocupacional crítica como posibilidad. In: SANTOS, V.; GALLASSI, A. D. **Questões contemporâneas da terapia ocupacional na América do Sul**. Curitiba: CRV, 2014. p. 159 – 165.

HAHN, M. S. Editorial. **Cad. Bras. Ter. Ocup**, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/218>. Acesso em: 25 nov. 2020

ISRAEL, V. L.; BERTOLDI, A. L. S. **Deficiência Físico-Motora**: interface entre educação especial e repertório funcional. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 128 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Ed. Pedagógica Universitária, 1986.

MORÁN, J. P.; ULLOA, F. Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporánea. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 421-427, 2016. DOI:10.4322/0104-4931.ctoARF0726. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1385>. Acesso em: 16 fev. 2020.

MORENO, A. F. Publicações periódicas da terapia ocupacional na América Latina. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 287-292, 2012. DOI: 10.4322/cto.2012.029. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/632>. Acesso em: 17 fev. 2020.

PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001. DOI:10.1590/S010015742001000300008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.

PULGAR, R. R.; TOBAR, M. S. Manifiesto latinoamericano de terapia ocupacional y ocupación. **Revista TOG**, Galicia, v. 11, n. 19, 18 p., 2014. Disponível em: <http://www.revistatog.com/num19/pdfs/manifiesto.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

ROCHA, E. F.; LUIZ, A.; ZULIAN, M. A. R. Reflexões sobre as possíveis contribuições da terapia ocupacional nos processos de inclusão escolar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 72-78, 2003. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v14i2p72-78. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13919>. Acesso em: 23 fev. 2020.

ROCHA, E. F.; PAIVA, L.F.A.; OLIVEIRA, R. H. Terapia Ocupacional na Atenção Primária à Saúde: atribuições, ações e tecnologias. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 20, n. 3, p. 351-361, 2012. DOI:10.4322/cto.2012.035. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/679>. Acesso em: 16 fev. 2020.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 24 set. 2020.

Servicios de Terapia Ocupacional com practicas basadas em escuelas para niños y juvenes. **WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS**. 2018. Disponível em: <https://www.wfot.org/resources/occupational-therapy-services-in-school-based-practice-for-children-and-youth>. Acesso em: jun. 2020.

SILVA, C. R.; JARA, R. M.; DEL CAMPO, Y. C.; KRONENBERG, F. Terapias Ocupacionais do Sul: demandas atuais a partir de uma perspectiva sócio-histórica. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro**. 2019. v.3(2): 172-178. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto24867. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/24867>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SOARES, L. B. T. História da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Ed.). **Terapia Ocupacional: Fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 3-9.

Sobre la revista. TOG (A CORUÑA), 2020. Disponível em: <https://www.revistatog.es/ojs/index.php/tog/sobreTOG>. Acesso em: 14 ago. 2020.

STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. *E-book*.

WFOT. **About**. WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS, c2020. Disponível em: <https://www.wfot.org/about>. Acesso em: 14 ago. 2020.

ANEXO A - Primeira folha do documento “Serviços de Terapia Ocupacional na Prática Escolar de Crianças e Jovens”



DECLARACION DE POSICIONAMIENTO

Servicios de Terapia Ocupacional con Practicas Basadas en Escuelas para Niños y Jovenes

Declaración introductoria acerca del propósito del documento

Esta declaración destaca la contribución de Terapia Ocupacional en la promoción de la educación inclusiva para niños y jóvenes en prácticas basadas en escuelas. La Federación Mundial de Terapeutas Ocupacionales (WFOT) cree que la educación inclusiva es un derecho supremo y no negociable. Además, los terapeutas ocupacionales están preparados y especializados para trabajar colaborativamente permitiendo la participación de todos los estudiantes en la ocupación y en los ambientes escolares de su elección como parte de la justicia ocupacional. (Grupo de Proyecto Tuning, 2008) (Federación Mundial de Terapeutas Ocupacionales, 2010)

La Federación Mundial de Terapeutas Ocupacionales (WFOT) respalda completamente la Declaración Universal de los Derechos Humanos (Naciones Unidas, 1948), la Convención de los Derechos del Niño de las Naciones Unidas (Naciones Unidas, 1990) y la Convención de los Derechos de las Personas con Discapacidad de las Naciones Unidas (Naciones Unidas, 2006) cuyos Estados Partes deberán asegurar un sistema educativo inclusivo en todos los niveles. (art. 24, para 1), y los Estados Partes también deberían garantizar que se proporcionen medidas de apoyo individualizadas eficaces en entornos que maximicen el desarrollo académico y social, en consonancia con el objetivo de la inclusión plena (art.24,para.2(e)).

Declaración acerca del posicionamiento asumido

El enfoque único de terapia ocupacional, sobre el valor de la ocupación, crea la oportunidad para una contribución colaborativa hacia las prácticas basadas en escuelas, y para trabajar hacia la inclusión, participación y bienestar. La Terapia Ocupacional debe estar disponible para todas las personas que experimentan algún nivel de privación ocupacional en su vida diaria.

Declaración acerca del significado del posicionamiento para la terapia ocupacional

El rol de los terapeutas ocupacionales es permitir, apoyar y promover la completa participación y bienestar de los estudiantes potenciando sus fortalezas y buscando soluciones, reduciendo o eliminando limitaciones en las actividades de aprendizaje y restricciones en la participación. Para lograr esto, los terapeutas ocupacionales fundamentan el razonamiento clínico mediante las prácticas basadas en la ocupación y los principios de la Clasificación Internacional del Funcionamiento. (Versión niños y jóvenes) (Organización Mundial de la Salud, 2007).

La terapia ocupacional basada en la escuela está centrada en el cliente, enfocada en la solución, basada en las fortalezas, en la ocupación, en la colaboración y en el contexto, educativamente.

ANEXO B – Primeira folha do documento “Manifesto Latino-Americano de Terapia Ocupacional e Ocupação”

MANIFIESTO LATINOAMERICANO DE TERAPIA OCUPACIONAL Y OCUPACIÓN

THE MANIFEST OF LATIN AMERICAN OCCUPATION AND OCCUPATIONAL THERAPY

Palabras Clave: Terapia Ocupacional, Ocupación, Latinoamérica, Manifiesto, Política.

Keywords: Occupation Therapy, Occupation, Latin America, Manifest, Politics.

DeSC: Terapia Ocupacional, Ocupación, Latinoamérica, Declaración, Política.

MeSH: Occupation Therapy, Occupation, Latin America, Declaration, Politics.



Autores:

D. Rolando Ramírez Pulgar

Licenciado en Ciencias de la Ocupación Humana. Terapeuta Ocupacional. Estudiante Maestría de Psicología Social, Universidad de la República de Uruguay. Universidad de Chile. Docente Carrera de Terapia Ocupacional, Universidad de la República de Uruguay. rolando.ramirez.p@gmail.com

Dña. Marjorie Schliebener Tobar

Licenciada en Ciencias de la Ocupación Humana. Terapeuta Ocupacional. Estudiante Magíster en Ciencias Sociales Aplicadas, Universidad de la Frontera. Docente Carrera de Terapia Ocupacional, Universidad Autónoma de Chile, Sede Temuco. michliebener@gmail.com

Como citar este documento:

Ramírez Pulgar R, Schliebener Tobar M. Manifiesto latinoamericano de terapia ocupacional y ocupación. TOG (A Coruña) [revista en Internet]. 2014 [-fecha de la consulta-]; 11(19): [18p.]. Disponible en: <http://www.revistatog.com/num19/pdfs/manifiesto.pdf>

Texto recibido: 01/04/2014

Texto aceptado: 19/04/2014

Texto Publicado: 18/05/2014

Introducción

Es hora de manifestarnos. Es hora de expresar públicamente nuestras intenciones, nuestras posiciones. De sabernos parte de un lugar, de una historia común y de un presente de acción, de un futuro posible. De sacarnos el manto de cinismo y de ascetismo científico inmovilizador y de tomar posición respecto de nuestra realidad, nuestras necesidades, nuestras expectativas y nuestro futuro. Las injusticias que viven nuestros pueblos, nuestros usuarios y nosotros mismos como trabajadores y como pueblo latinoamericano, no es neutra, eterna ni coyuntural. Por lo tanto nuestra posición tampoco lo debería ser.

La Terapia Ocupacional como profesión orientada a